

4369

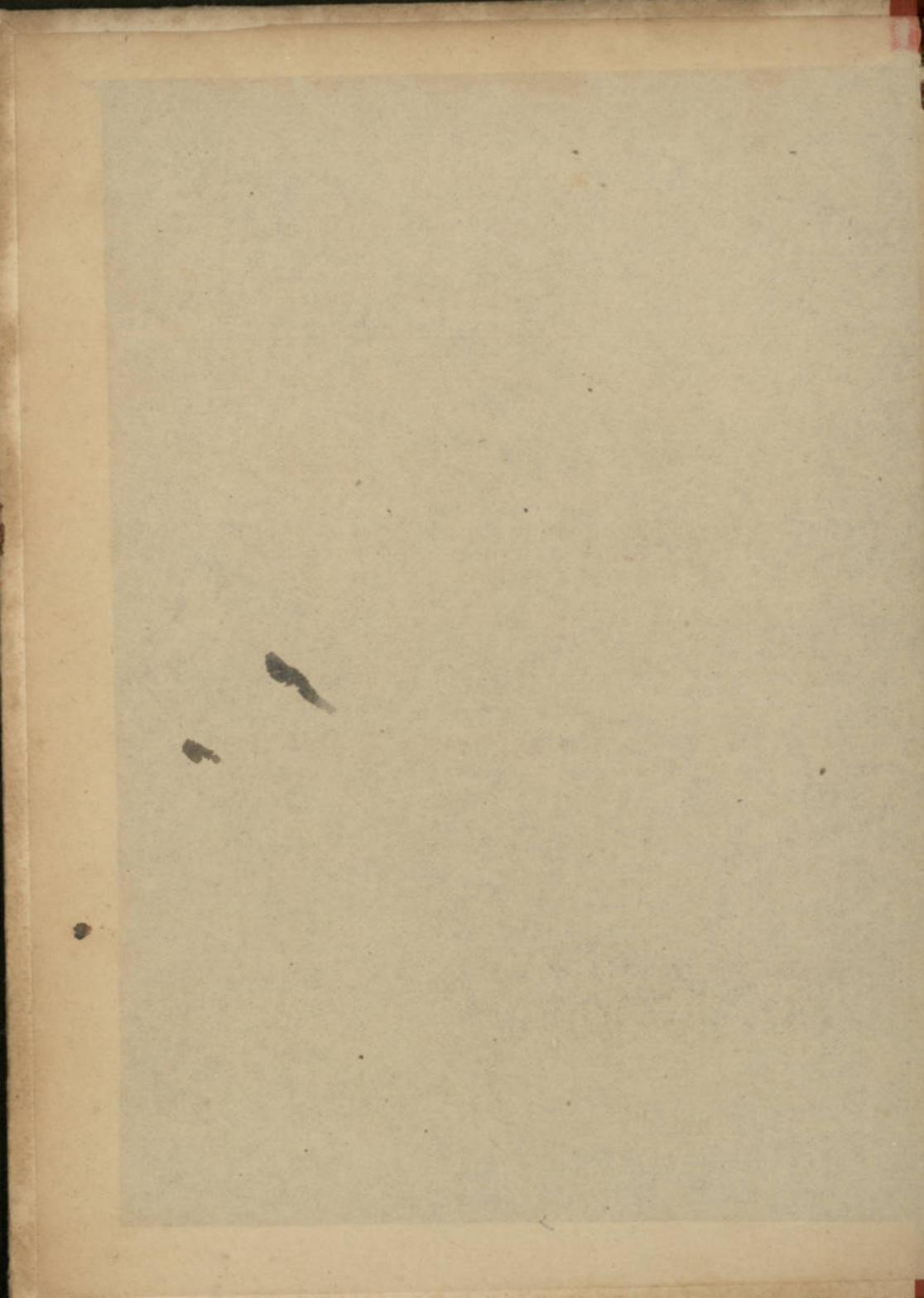
L 30666 2 313.

BIBLIOTECA
PARA A INFANCIA



PARCERIA A.M. PEREIRA
LIVRARIA-EDITORIA LISBOA

L.
6



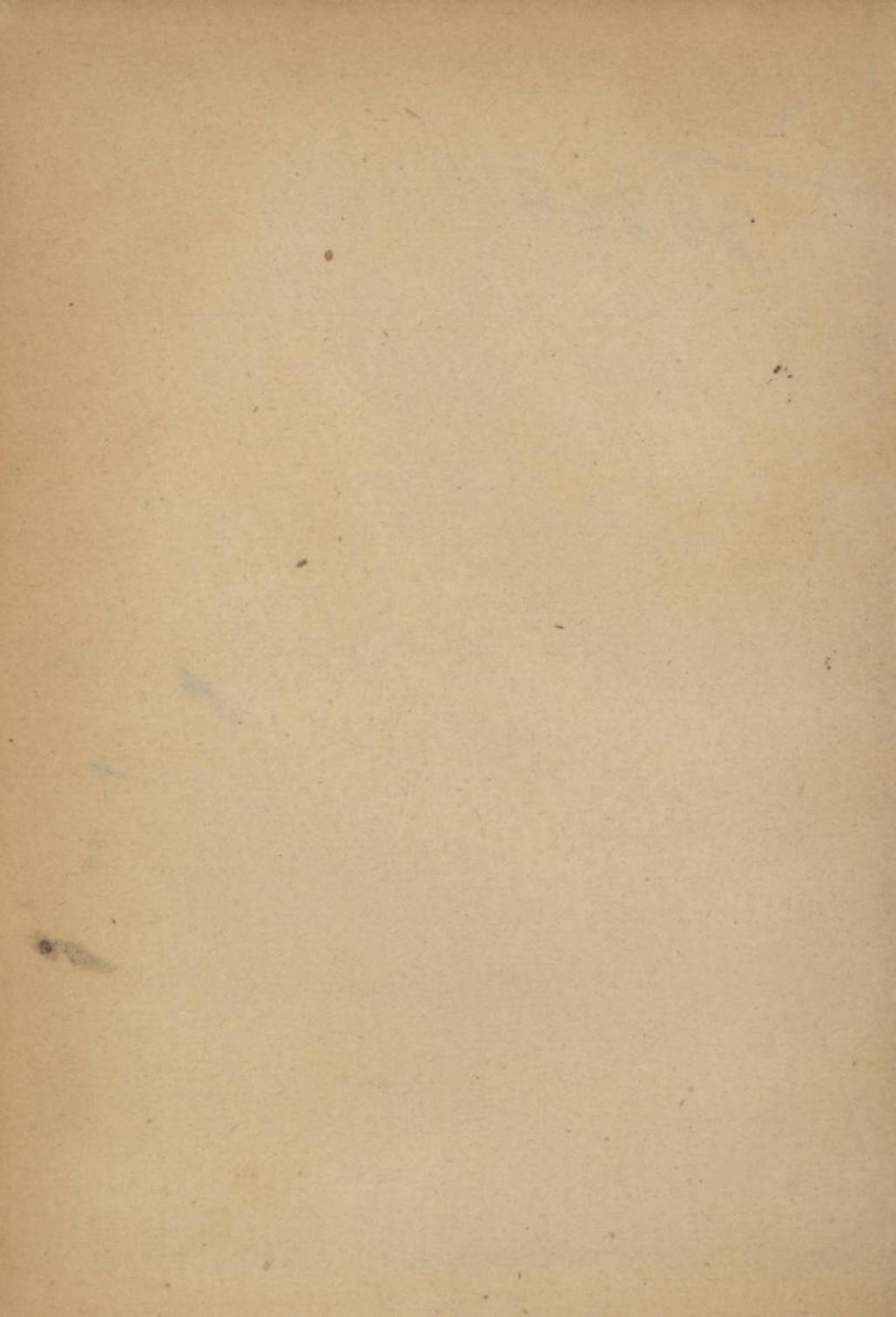
Lo

30666

BIBLIOTECA PARA A INFANCIA

HISTÓRIAS FAMOSAS

W. W. W. TIPOGRAFIA DA PAZ
ANTONIO MARIA PEREIRA W. W. W.
RUA AUGUSTA, 44 A 46, LISBOA



VOLUMES PUBLICADOS



BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

HISTORIAS FAMOSAS



- 1 - Contos da Bíblia.
- 2 - Contos da Bíblia.
- 3 - Contos da Bíblia.
- 4 - Contos da Bíblia.
- 5 - Contos da Bíblia.
- 6 - Contos da Bíblia.
- 7 - Histórias famosas.
- 8 - Histórias famosas.
- 9 - Contos da Bíblia.
- 10 - A vida de Jesus.
- 11 - As histórias famosas.
- 12 - As histórias famosas.
- 13 - As histórias famosas.
- 14 - As histórias famosas.
- 15 - As histórias famosas.
- 16 - As histórias famosas.

*** TIPOGRAFIA DA PARCERIA
 ANTÓNIO MARIA PEREIRA ***
 RUA AUGUSTA, 44 A 48. LISBOA

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — Horas de folga.
- 2 — Recreações infantis.
- 3 — Para ler nas férias.
- 4 — Por bom caminho.
- 5 — Para divertir.
- 6 — Alegrias.
- 7 — Histórias famosas.
- 8 — A fada loira.
- 9 — Contos da mamã.
- 10 — Para rir e pasmar.
- 11 — Feitos gloriosos.
- 12 — As ideias de Mimi.
- 13 — Proezas dum valentão.
- 14 — Maurício e Beatriz.
- 15 — Os bonecos de Joaquina.
- 16 — O Animatógrafo.

BIBLIOTECA
CONSTITUCIONAL
LISBOA

Ref. 82.
Q. 40. May 22 7 May 25.

BIBLIOTECA PARA A INFANCIA

FOR

MARIA O'NEILL

Jun 19 96
L 30666

HISTÓRIAS FAMOSAS



11.F. 19586

CONTOS

ILUSTRAÇÕES DE SANTOS SILVA

4369

3.ª EDIÇÃO

1925

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

22

BIBLIOTECA PARA A INFANCIA

Handwritten signature

Handwritten notes: R. Ho. ...

MARIA O...

HISTÓRIAS FAMOSAS



1958

Handwritten number: 17

CONTOS

ILUSTRAÇÕES DE SANTOS SILVA

Handwritten number: 1809

2.ª EDIÇÃO

1955

PARCERIA ANTONIO MARIA FERREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta - 44 e 34

LISBOA



Azé era uma linda princesa árabe de dezoito anos, vivia em Bet-il-Mtoni com sua mãe, velha escrava circassiana de Seji-Said, irmã de Mascate, na Arábia, e sultão de Zanzibar, que tinha conquistado em 1784. Azé era curiosa e amiga de saber. Seu pai, o velho sultão, que todos os anos mandava uma frota à Europa buscar presentes luxuosos e úteis com que mimoseava as mulheres do seu harém, perguntou-lhe um dia, com a paternal meiguice que usava com todas as suas filhas:

—; Porque estás triste, Azé? Que desejas tu?

— Não desejo nada, meu senhor.

—; Nada! exclamou espantado o velho sultão.
; Quando a tua vida desabrocha ao suave prazer da

primavera e os teus olhos negros mergulham no azul do céu procurando inconscientemente os altos mistérios de Alá! Nada! ; Quando as velhas que habitam êste harêm pedem tanto! ; Que estranha criatura és tu, filha de Seji-Said?

Córando, envergonhada do pasmo paterno, a jovem princesa responde :

— O que eu desejava, senhor, não me podeis vós dar.

O sultão franziu o sobrolho com orgulho, descontente, e volveu-lhe em tom solene :

— Não há, na face da terra, bem, de que o sultão de Zanzibar não possa dispôr. Pede e serás satisfeita.

Depois de breve hesitação, a princesinha volveu :

— Desejava aprender qualquer língua dessa Europa, que eu julgo um país encantado pelas lindas cousas que de lá nos veem.

Seji-Said quedou-se silencioso e contrariado. Por fim, erguendo a cabeça, disse, com o sorriso satisfeito de quem não conhece vontades que se oponham à sua :

— O Alcorão proíbe outro ensino que não seja o ministrado por êle, mas eu tenho poder suficiente para revogar os seus preceitos quando, excepcionalmente, se não coadunem com a dignidade do poder temporal que Alá me concedeu. Ora eu, usando irreflectidamente da promessa, afirmei que os teus desejos seriam satisfeitos, e o sultão não pode nem deve faltar à sua palavra. Aprenderás o português, língua

só falada por bravos e valentes, conhecerás os feitos dos maiores navegadores do mundo e poderás alegrar os nossos serões contando-nos as maravilhas dos



— ¿ Que estranha criatura és tu, filha de Seji-Said ? (Pag. 6)

seus enormes feitos. Mal parecerá a muitos que, tendo sido os portugueses sempre perseguidores dos servos de Alá, eu os admire e gabe. Mas a Justiça é

a primeira qualidade dos filhos do Profeta, e nem contra mim eu faltarei a ela. Tu, que és a flor mais bela do meu jardim, terás o que pedes. Imponho-te porêem uma condição.

— Qual, meu senhor?

— Não dirás a ninguêem que eu te concedo esta graça e pôr-te-hás desde agora no hábito de te encerrares na gruta durante duas horas. Quando te perguntarem o que fazes, responderás apenas: «Inspiro-me em Maomet». Assim, quando tu, passado muito tempo, appareceres a falar uma língua estranha, esta transgressão do Alcorão terá servido para radicar ainda mais a fé no espírito dos crentes.

Como se vê, o velho sultão sofismava a lei tão bem como qualquer europeu, e ver-se-há mais adiante como foi cruelmente punido por ter, por um sentimento de vaidade pessoal, procurado iludir os seus deveres.

Azé prometeu silêncio e, desde o dia seguinte, passou a visitar a gruta quotidianamente.

Havia, muito longe dali, uma pequena cabana, há longo tempo habitada por um emigrado português, homem de vastos conhecimentos, mas que, por ideas avançadas em politica, tivera de fugir da pátria onde sentira a pele verdadeiramente arriscada. O emigrado chamava-se João Soares e era homem de idade bastante avançada.

O sultão chamou o eunuco Sabal ao seu retiro particular e expôs-lhe o seu plano e desejos, que eram

simplesmente êstes :—apoderar-se do portuguez e trazê-lo clandestinamente para Bet-il-Mtoni. Aí, êle ensinaria a jovem *bibi* (1) e, logo que esta tivesse aprendido tôda a sua sciência o portuguez seria sacrificado à crença, isto é, morto por ser cristão, o que era ainda, aos olhos do sultão, um acto verdadeiramente meritório.

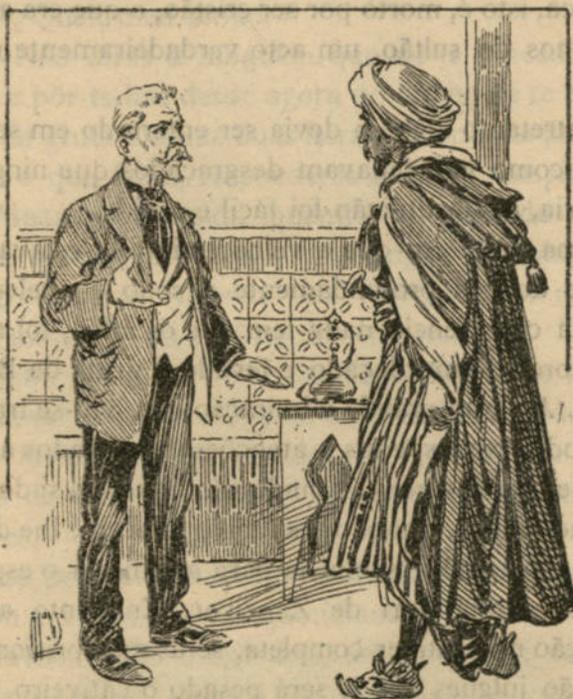
Entretanto alguêm devia ser enterrado em seu lugar e, como não faltavam desgraçados que ninguêm conhecia, a substituição foi fácil e rápida.

Uma noite em que o velho emigrado estava deitado e dormia profundamente o sono daqueles que em sua consciência nada tem que os aflija, foi atado com cordas, amordaçado e levado à gruta de Bet-il-Mtoni. Aí, com grande admiração sua, viu-se tratado com todos os respeitos e atenções dispensados a pessoas de alta categoria, e ainda não voltara a si do pasmo que sentira, quando o sultão appareceu e lhe disse :

— Portuguez, escolhi-te para aprimorar o espirito da mais linda huri de Zanzibar. Enquanto a sua educação não estiver completa, serás meu prisioneiro, mas não julgues que te será pesado o cativeiro. Dar-te-hei tudo quanto um homem deseja possuir, menos a liberdade. Só de noite, depois de todos dormirem no palácio, o chefe dos eunucos te permitirá passear nos sumptuosos jardins dêste harém e subir ao mi-

(1) Palavra suali que significa *aquela que dá ordens* e emprega-se no mesmo sentido em que nós dizemos *sua alteza*.

radoiro nas noites de luar, para que a tua alma se não disseque e não perca a natural poesia dos filhos do ocidente. É-te proibido ver ou falar a ninguém



— Portugêes, escolhi-te... (Pag. 9)

mais do que a mim, á bela *bibi* e ao chefe dos eunucos. A mais leve infracção á minha ordem, bem sabes, é punida com a morte. No entanto creio que em tua consciéncia nunca dirás que o sultão é mau hospedeiro.

Retirou-se Seji-Said, e ainda o nosso velho João Soares não voltara do seu espanto, quando em frente dêle appareceu uma jovem líbia de rara formosura e ricamente vestida, que lhe disse:

— Sou o primeiro presente que te faz o sultão. Serei, como usam no teu país, a tua única mulher, e a minha obrigação é cuidar de ti e alegrar o teu espirito anuveado.

João Soares, embora lhe agradasse muito para mulher uma jovem tão linda, não se atrevia a responder nada, lembrado de que o terrível Seji-Said lhe dissera que a pena de morte puniria a menor infracção às suas ordens.

A jovem compreendeu a sua perplexidade e disse-lhe sorrindo:

— Eu não entro nas contas do sultão porque, segundo se julga, as escrituras da tua religião dizem que sou a carne da tua carne e o osso do teu osso. Ora, se eu devo ser contigo uma e a mesma pessoa, não posso ser contada em separado.

Esta lógica razão agradou a João Soares, que se apressou a receber das mãos da sua jovem esposa um lindo fato oriental, ricamente bordado a ouro e pedras preciosas. Depois, começando a voltar a si do imenso espanto e terror, que tão inesperado rapto lhe causara, olhou em roda e sentiu uma grande satisfação vendo que o asilo, que lhe tinham destinado, era um ninho forrado dos mais finos e custosos brocados de ouro e sêda, e que a sua vista não descansava em obje-

cto nenhum que não fôsse formoso e rico, a par de útil e cómodo.

Deitando-se sôbre o magnífico divã, que, sob um docel de fôlhas duma grande e florescente palmeira,



... das mãos da sua jovem esposa (Pag. 11)

ornava o canto mais recatado do aposento, João Soares pegou maquinalmente no cachimbo que a sua jovem mulher lhe estendia e, começando a fumar, perguntou-lhe:

— ¿ Como te chamas, linda?

— Sou Salmé, do nome duma das *bibis* de Seji-Said; mas devo receber de ti um nome portugûes, segundo as ordens da formosa Azé, a mais bela de entre as belas.

João Soares olhou curiosamente a rapariga e, depois de meditar longamente, declarou:

— Chamar-te-hás Rosa. E' o nome portugûes que melhor fica a tão gentil criatura.

Depois proseguiu:

— Dize-me Rosa, ¿ porque é que, não aprendendo os Árabes senão o Alcorão, o teu senhor e amo pretende ilustrar extraordinariamente o espirito da sua filha valida?

— Porque a *bibi* o desejou, e êle não sabe negar-lhe cousa alguma.

— ¿ E sabes tu o que a princesa deseja aprender?

— A tua lingua, os usos do teu país e as histórias maravilhosas da gente da tua raça. Conta-se aqui que foram os portugueses que abriram o caminho da terra de onde nos veem lindas sêdas e louças. E é tanta a fama do vosso povo entre nós, que o sultão, quando louva alguêm dos seus, costuma dizer: «E valente e bom como um portugûes», apesar de lhes não perdoar as perseguições que, em todos os tempos, fizeram ao povo escolhido de Alá. Muitos dos nossos homens teem censurado ao Sultão a sua admiração por um povo desafecto ao nosso e que, em tempos mais remotos, tão cruel foi para os crentes do Islão; mas Seji-Said, quando tem uma opinião, di-la alto e bom som

e não admite contradições. Devem pensar como êle todos que não querem cair em desagrado. Esta prepotência faz com que todos digam que os portugueses são valentes e bons, do que nem sempre estão convencidos. Digo-te estas cousas, porque, segundo a tua religião, devendo nós ser uma e a mesma pessoa, mal te pareceria por certo que eu te ocultasse o meu verdadeiro modo de pensar.

Mal Rosa terminara estas palavras, sentiu-se estalar a areia do jardim sob passos leves e rápidos, e, momentos depois, afastando as tapeçarias, que disfarçavam a entrada do aposento, a que davam o nome de gruta por ser externamente um monte de granito recoberto de vistosas trepadeiras, a gentil Azé, radiante de beleza e mocidade, entrou no aposento.

João Soares ergueu-se precipitadamente do divã e saudou a sua discípula à moda oriental.

A princesa apressou-se a dizer-lhe:

— Não, não. Cumprimenta-me em português e à moda da tua terra.

— Senhora, eu sou burguês e duma família modesta. Nunca vi os príncipes da minha terra senão de longe. Republicano por convicção, tive, por amor à vida, de abandonar a terra em que nasci. Não conheço etiquetas nem pisei nunca paços reais.

— ; Mas se uma princesa da tua terra, apesar das tuas ideas estranhas, se dignasse visitar-te em tua casa, que lhe dirias tu na tua língua?

— Dir-lhe-ia, sensível à distinção, que não mere-

cia: «Vossa Alteza, minha senhora, honra imerecidamente quem não é um vassalo digno de a contemplar tão de pertó». E, falando assim, eu diria uma verdade e não um cumprimento, porque ninguém merece distinções daqueles que não estima e não distingue.



... saudou a sua discípula à moda oriental (Pag. 14)

— ; Então tu, português, não me estimas nem distingues? perguntou a princesa num tom levemente ofendido.

— Eu não disse isso, senhora, mas sim o que diria a uma princesa da minha raça. A Vossa Alteza, em português, eu diria que me honrou sobremaneira escolhendo-me para seu professor, sendo tão modestas as minhas luzes.

— Está bem: estou contente com a resposta, ainda que sei que essa modéstia não pode ser sincera. Dize-me, português, um homem que, no teu país encontra outro na rua e que lhe diz e como o cumprimenta?

— Se vai a distância, tira-lhe o chapéu, assim . . . e vai andando; ao perto, se tem pressa, faz o mesmo e não passa por descortês; se pode ou quere, pára, estende-lhe a mão e pergunta: «¿ Como está? passou bem?»

A princesa, imitando os gestos de João Soares, perguntou:

— ¿ *Cómo istá? pássou ben?*

— Vossa Alteza pronuncia muito rasoavelmente.

— ¿ Acha? disse a princesa contente. ¿ E que responde o outro?

— Bem, muito obrigado.

Ela repetiu:

— *Ben, muite brigade.*

— Muito bem. Vossa Alteza diz muito bem.

Como um papagaio, a princesinha disse e repetiu umas poucas de vezes:

— ¿ *Cómo istá? passou ben? Ben, muite brigade. Muite brigade. . .*

E, depois duma longa lição, em que aprendeu a estropiar algumas palavras da nossa difícil língua, a *bibi* pediu:

— ¿ Sabes versos, português?

— ¿ Então não hei de saber, senhora? Na minha

terra, já se nasce poeta e soldado. O rei D. João V, de faustosa memória, costumava dizer que os fidalgos portuguezes nascem soldados; mas a verdade, senhora, é que todos em Portugal são soldados e poetas.

— Então, portuguez, para terminar a lição de hoje, recita-me uns versos da tua terra.

— Obedeço, senhora.

E João Soares disse-lhe ainda :

— O grande capitão Afonso de Albuquerque, nascido em 1453, na quinta do Paraíso, entre as vilas de Alhandra e Vila Franca, e falecido a bordo dum navio que o levava a Gôa, em 16 de dezembro de 1515, com 62 anos de idade, é, minha gentil princesa, dos heróis da minha terra aquele que mais praz à minha alma, pela sua rara bravura, lialdade, valentia e larguesa de vistas. Podia ter-se tornado um poderoso rei e era homem para conquistar o mundo; mas o seu desinterêsse e lialdade nem por um segundo lhe demoraram a idea em pensamentos cúpidos. Se o permitis, será por êle que vos comece a falar dos heróis do meu país. Vou cantar-vos na minha língua natal os seus louvores, que depois vos traduzirei para fazerdes uma idea justa dos seus raros merecimentos.

E, tomando um alaúde, que da sua habitação lhe tinham trazido quando o raptaram, por perceberem que era objecto de estimação e uso constante, João Soares annunciou, enquanto preludiava :



II

Depois cantou:

Um grande herói por outro herói (1) cantado
Foi o grande Albuquerque, que morreu
Deixando ao mundo exemplo levantado
Da grandeza moral com que viveu.

Terrível por valente, justo e nobre,
Co'a espada abriu caminho largo à cruz.
Prestou clemente ouvido à voz do pobre
E conquistou na Pérsia a bela Ormuz.

(1) Camões.

São tantos os seus feitos, tanta a glória,
Que do seu nome a jorros brilha e esplende,
Que os olhos cegam ao reler-lhe a história,
A mente pasma e quási a custo a entende.

O coração violentamente arqueja
Ao evocar-lhe o vulto venerado.
A mulher-mãe para o seu filho almeja
Carácter justo, por igual temp'rado.

Tentaram vis obscurecer-lhe a fama
Urdindo intrigas torpes junto ao rei ;
Mas quem nasce Albuquerque ou nasce um Gama
Tem voz sósinho contra tōda a grei.

Passa o rebanho, o vulto raro fica.
A inveja passa. o culto nasce e cresce.
O mundo inteiro louros lhe dedica.
A serpe, que o mordeu, esmagada, esquece.

Os reis do Oriente, vendo Ormuz vencida,
Mandam legados seus ao português.
Torna-se uma aliança apetedida
A dêste herói soberbo d'altivez.

Destruiu Calecut, reino fortissimo.
; Tomou Malaca, o Malabar, Ceilão!
Fêz de vitórias pedestal altissimo,
Morreu indo p'rá flor do Indostão.

Seu corpo forte, pela dor vergado,
 De se ver pelo rei mal suspeitar,
 Foi pela ingratidão tão torturado,
 Que a morte, antes de tempo, o quis levar,



...A dêste herói soberbo d'altivez (Pag. 19)

Mais piedosa que o rei estúpido e louco,
 Que a quem o erguia e lhe trazia tanto
 Ousou no seu conceito ter em pouco,
 Deixando ao mundo indignação e espanto.

Mais justos com Afonso, os que venceu.
Lhe vão pedir justiça após a morte.
Tão bom era na terra, que, no ceu,
O julgavam ainda grande e forte!
Justiça ao morto contra os vivos pedem
Gentios e mouros, certos de a alcançar.
Êste é o rasgo que almas nobres medem
E que melhor alguém pode ilustrar.
Se Dom Manuel se não arrependesse
E sempre crêsse nos caluniadores,
Por muito que fizesse e que dissesse
Gastava inútilmente os seus furores.

Do grande herói o vulto raro, enorme,
A fama o canta e diz no seu pregão :
«Embora morto, a justiça não dorme :
«Êle desperta sempre no caixão,

«Se a voz d'algum gentio ou mouro vem
«Queixar-se de injustiças que sofreu.
«O coração do herói, que a ouviu bem,
«Impõe reparações ao que ofendeu.»
Nos vencidos deixar um tal conceito,
Eis a glória maior que pode haver.
Albuquerque não morre. Em cada peito
Vive o seu nome enquanto mundo houver.

Quando João Soares acabou de cantar, traduziu à princesa a sua canção e a linda Azé ficou deslumbrada. Despedindo-se à pressa do mestre, fêz anunciar ao seu pai a sua visita.

Seji-Said era curioso. Mandou saír quantos o acompanhavam, e assim que a linda *bibi* entrou, perguntou-lhe :

— ¿Então ?

E Azé contou, poetizada pela sua imaginação oriental, a já maravilhosa historia do notabilíssimo herói.

Seji-Said teve tal prazer em a ouvir, que resolveu ir, de noite também, procurar algumas vezes o português para ouvir os lindos feitos dos heróis do seu país.

III

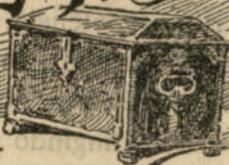
Estava uma noite chuvosa. O sultão de Zanzibar, vendo que, com tal tempo, o velho emigrado não podia utilizar a concessão, que lhe fizera, de passear nos seus magníficos jardins, resolveu, que por sua vez iria também divertir-se escutando as interessantes histórias do português.

Fêz, pois, anunciar que, por um motivo importante, não presidia, como de costume ao sarau da sua côrte, e dirigiu-se, com mistério e precauções, à linda

gruta onde o portuguez, tratado principescamente, era contudo escravo da sua rial prepotência.

João Soares, que não esperava visitas áquella hora, estava estendido no divã e pensava nos meios que podia empregar para se evadir, fingindo prestar atenção à história que lhe contara a linda Rosa e que só ella ouvia. Como, porêm, a narrativa da escrava da bela *bibi* era cheia de interêsse, nós vamos aproveitá-la como merece.

A historia de Rosa



IV

Um dia senhor meu, o velho sultão, pai de Seji-Said, encontrou, no quarto da sua *bibi* mais velha, um lindo cofre de ouro que elle não conhecia e lhe não dera. Intrigado, pegou-lhe tentando abri-lo, mas viu com pasmo que, a-pesar da chave estar metida na fechadura, não havia meio de o descerrar. Então, tirando da cinta o seu rico punhal com o cabo cravejado de diamantes, tentou arrombá-lo. ; Mas qual ! Por mais que fizesse, a fechadura não cedia. Irritado, chamou a dona do lindo e rico cofre e inquiriu :

— Sona, ; donde veio êste objecto ? ; Como está elle aqui e por que motivo o não posso abrir ?

E o seu olhar descontente fitava-se tenazmente, reprehensivo, no rosto apavorado da mais altiva prin-

cesa que até então pisara os paços e jardins de Bet-ilmtoni.

Depois de longo silêncio, ela respondeu com voz trémula:

— Êste cofre, senhor, trouxe-o minha mãe da sua terra natal e deu-mo em segrêdo, quando sentiu que a morte se lhe avizinhava.

— ¿Que encerra êle?

— Nunca o abri, meu senhor, mas sei que estão nêle guardados três poderosos filtros: um que faria com que me amásseis sempre; outro, que me daria o domínio de tôdas as vontades; e o terceiro que, enquanto viva, me faria gozar sempre óptima saúde.

— ¿E porque nunca o abriste?

— Porque minha mãe me disse: «Não abras o cofre, porque a curiosidade matará as três virtudes que êle encerra. Nunca fales nêle ao sultão porque, cioso de tôda a fôrça e glória, guardará o cofre para si e tu perderás o seu amor.»

Olhando-a prescrutadoramente, o velho sultão exclamou:

— Tu mentes.

— ¿; Eu, senhor?!

— Sim, tu. Eu podia punir-te severamente, mas não o faço, se me disseres a verdade.

— A verdade, senhor, é o que vos declarei.

Êle olhou-a com severidade e ameaçou:

— Abre o cofre ou morrerás. . .

E pegou no apito de oiro, que lhe pendia ao pescoço, suspenso dum fio de brilhantes.

Sona, tornando-se cada vez mais pálida, abriu o cofre depois de ter empurrado todos os seus quatro



— Abre o cofre ou morrerás... (Pag. 25)

pézinhos para o interior dêle por meio duma forte pressão.

Dentro do cofre estava uma linda miniatura de homem, numa medalha cercada de rubins, uma escada de sêda azul, e um rôlo antigo de pergaminho, no

qual a mãe de Sona escrevia ao seu tio Rafael, residente em Mombaça, pedindo-lhe que, se sua filha, um dia, lhe entregasse o retrato de seu pai, cercado de rubins, a recebesse e protegesse em memória de seu irmão que tanto o estimava. Ela lhe recomendava, ao morrer, que procurasse evadir-se e lhe deixava uma escada de sêda, que ela própria por suas mãos fabricara, para que se livrasse do cativoiro do harêm, onde sua mãe chorara tôda a vida a sua perdida liberdade.

O sultão leu o papel com muita atenção e, depois dum momento de silêncio, perguntou a Sona:

— ¿Pensavas em fugir quando eu entrei?

— Não, senhor. Eu quis persuadir-vos de que não podíeis deixar de amar-me por causa dos filtros que vos disse. Deixei o cofre intencionalmente sôbre a mesa, porque nunca pensei que mo obrigasseis a abrir. Não pensei em fugir, nem fujo, porque o meu amor por vós me retêm aqui prisioneira.

— Não posso acreditar nas tuas palavras, Sona, bem que elas muito lisonjeiem a minha vaidade e coação.

— ¿Porquê, senhor?

— Porque já me mentiste uma vez e com tanta naturalidade, que daqui em diante estarei sempre em dúvida contigo.

Sona chorou muito e o sultão retirou-se levando o cofre.

Passaram-se muitos dias sem que Sona tornasse

a ver o seu senhor. Os seus olhos choravam lágrimas sentidas e dos seus lábios soltavam-se ais de profunda dôr.

Deitada sôbre a esteira branca do seu quarto, a altiva princesa desolava-se e pranteava assim a sua mágua:

« ; Quanto mais eu queria prender o teu coração, mais tu foges de mim !

« ; Quanto mais os meus olhos choram e a saudade me punge, mais te afastas !

« Eu queria ter a liberdade das aves, para poisar na beira da tua janela e fitar o teu divino rosto.

« Queria ter a voz do vento, para acalentar docemente o teu sono.

« Queria ser o sol, para que despertasses ao brilho sem igual da minha luz.

« Tanto te quis prender, que te perdi, e, perdendo-te, a minha alma não tem consolação.

« ; Ai ! ; para que descurei eu os conselhos de minha mãe moribunda ?

« ; Porque não fugi, numa noite sem lua, e, ocultando-me nas naves dos homens do meu país, não levei a Mombaça o retrato de meu pai ?

Assim, por longo tempo chorava a *bibi*, que só a vontade inquebrantável do sultão colocara numa situação que lhe não era devida.

As suas queixas, porém, não ecoavam perdidas nas vastas abóbadas do harêm. Eram escutadas e transmitidas ao sultão religiosamente. Êste sentia-s-

vaidoso de inspirar uma tão grande e sincera paixão, e deleitava-se ouvindo os lamentos que lhe vinham transmitir.



— Queria ser o sol... (Pag. 28)

Um dia, resolveu ir êle próprio escutar atrás da porta as queixas da infeliz *bibi*. E ficou por tal maneira comovido, que resolveu dar à pobre Sona uma alegria igual aos tormentos que lhe tinha inflingido. Acabava ela de soltar as lamentações que o seu espírito abatido lhe ditava, quando a porta do seu quarto se

abriu, e o velho Seji-Said entrou, seguido por muitos escravos, carregados de ricos presentes, e trazendo êle próprio entre as mãos o cofrezinho de ouro que, meses antes, levava do quarto da *bibi*.

Abrindo o cofre, por ordem do seu senhor, a linda Sona encontrou nêle o retrato de seu pai suspenso dum fio enorme de rubins, tão lindos como os que ornavam o medalhão que o encerrava.

Depois de depositarem os presentes que traziam, os escravos retiraram-se cumprimentando os seus amos, e o sultão ficou só com a sua *bibi* a quem muito elogiou a beleza e bondade, enquanto lhe oferecia os lindos vestidos, rendas e joias com que resolvera mimoseá-la.

Vendo o seu amo e senhor em tão feliz disposição, Sona atreveu-se a dizer :

— ¿ Permitis, meu senhor, que vos pergunte uma cousa ?

— Dize.

Còrando muito e pousando os olhos no chão, a *bibi* perguntou :

— Se achastes que eu menti naturalmente ¿ porque é que percebestes que o cofrezinho, que encerrava êste retrato, não tinha os filtros que vos disse ?

— Porque tu me garantiste que o não tinhas nunca aberto, e a curiosidade natural do teu sexo não te permitiria, ainda que nisso te fôsse a própria vida, deixar de ver o que o cofre continha. Acredita-me, Sona, a mais bem architectada pêta não resiste ao

exame minucioso de quem conhece o coração humano. Nunca mais mintas. E' a maneira de conservares o meu affecto, se para ti êle tem o valor que dizes.



... ir êle próprio escutar... (Pág. 29)

Sona nunca mais mentiu. Seu tio Rafael, que o sultão fêz procurar em Mombaça, veio a Bet-il-Mtoni, onde recebeu das mãos de Sona o pergaminho que sua irmã lhe deixara, e ouviu dos seus lábios a decla-

ração de que o sultão era o melhor e o mais amado dos homens, e que por coisa alguma do mundo quereria abandonar o seu harêm.

O tio Rafael retirou-se contente por não ter que levar o fardo da sobrinha. Mas dizia a quem o queria ouvir, que não compreendia como a filha de sua irmã se afizera aos nossos usos. É que êle não sabia que o hábito nos dá o gôsto das cousas.

Assim terminava Rosa a história que contava a seu marido, quando as tapeçarias, afastando-se, deixaram ver no limiar da porta a figura imponente de Seji-Said.

João Soares ergueu-se precipitadamente e compôs à pressa o fato em desalinho.

— Incomodo-te? perguntou urbanamente o sultão.

— De modo algum, senhor. Mas como o sol não costuma aparecer de noite, é essa a razão do meu espanto e da incorrecção do meu traje.

— Está bem, está bem, disse o sultão em tom de quem estava satisfeito com a desculpa e lisonjeado intimamente com a gentileza do cumprimento.

Seji-Said era, como todos os grandes, muito susceptível aos cumprimentos que lhe faziam, sem atentar que, quanto mais elevada é a posição dum homem, menos êle deve crer na sinceridade dos que o rodeiam, quasi, sempre lisonjeadores por interêsse e não por convicção de merecimentos, que em alta voz reconhecem e negam no fôro íntimo do seu coração.

, Sentando-se familiarmente junto de João Soares, distinção rara em príncipe tão orgulhoso, Seji-Said pediu-lhe com viva curiosidade:

— Canta-me a história dum homem eleito do teu povo, português. Folgarei em te ouvir.

João Soares ia começar, mas o sultão, apontando-lhe o alaúde, disse:

— Canta-me primeiro na tua língua. Depois me traduzirás.

João Soares anunciou:





V

Gil Vicente era um poeta
Dos grandes que tem havido
Ninguém sabe ao certo onde,
Como e quando foi nascido.

Barcelos, Guimarães, até Lisboa
Disputam terem sido o berço seu;
Porêem nunca provado à evidência
Foi qual a terra a que êl' tal honra deu.

Qu'riam seus pais destiná-lo
A estudar jurisprudência,
Mas a sua vocação
Opôs-se e fêz resistência.

Ao comércio das musas que prezara
Entregou seu talento, e tanto fêz,
Que a gente do seu tempo o alcunhou
Sem lisonja de *Plauto Português*.

Fêz uns versos à rainha
Ao nascer Dom João terceiro,
E desde então se provou
Ser em trovas o primeiro.

Compunha para as peças que escrevia
Música digna delas, e também
Ninguêem melhor do que êl' demonstrava
A graça que um actor no dizer tem.

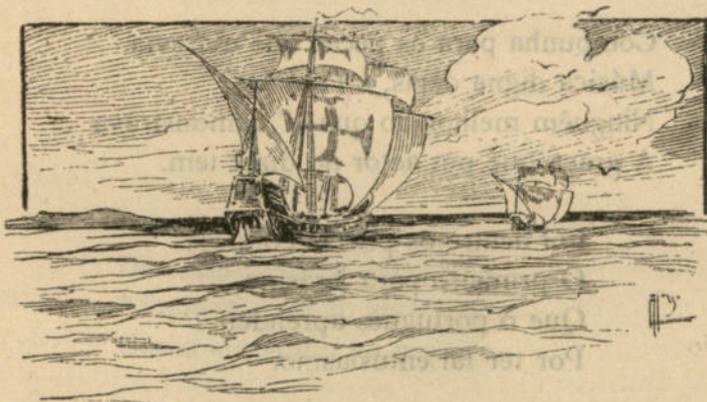
Foi dentre os poetas cómicos
O primeiro para Erásmo,
Que o português aprendeu
Por ter tal entusiasmo.

Pelo génio fecundo do poeta
E seus conceitos raros, joviais,
Que para o ler na língua original
Ter de a estudar lhe não par'ceu de mais.

Casou com Branca Beressa
E dela teve três filhos,
O mais velho, Gil Vicente,
Herdou-lhe o talento e brilhos.

Afirma-se que o pai, cheio d'inveja,
Por sentir que o seu Gil valia mais
Lhe ordenou que partisse para a Índia
Embarcando-o no Tejo em naus riais.

Era um ilustre poeta,
Fêz-se um valente soldado,
E nos campos de batalha
Morreu como herói provado,



Embarcando-o no Tejo em naus riais

Deixando um auto de que apenas consta
O titulo e mais nada. Mas suponho
Que, se êste Gil Vicente ao mundo veio,
A inveja de seu pai deve ser sonho.

D'alguêm que o velho invejou,
Nunca um baixo sentimento

Houve em homem português
Que abrigasse um tal talento.

Quem de inveja o alcunha mente:
Se o filho à Índia há mandado
É que o nobre Gil Vicente
Tinha a alma dum soldado.

; Ah ! ; Quantos sonhos de glória
A fantasia constrói !
; Quis pôr seu filho na história,
Fazer dum poeta um herói !

; A ! êstes sim, são pensamentos nobres
Que se coadunam co'um talento forte :
A vida é pouca cousa, nada vale.
Glória é sobreviver à própria morte.

Mas a velhice chegou ;
Com ela o ser desvalido.
Gil conheceu a pobreza
E viu-se quási esquecido.

Morreu em Evora, onde fôra a côrte,
Vendo-se na miséria e pretendente ;
Êle que fôra o grande herói das salas
Viu como tudo passa brevemente.

Porêm a hora soou
De Justiça se fazer.
Se o corpo à terra baixou
O nome eterno há-de ser.

Acabando de cantar, o português disse ao sultão o sentido da letra que escutara, e êste, depois de meditar um pouco, perguntou-lhe :

— Dize-me uma cousa, Mestre, ¿ porque é que à minha filha contaste uma história mais própria de me agradar, e a mim uma que mais grata lhe devia ser ?

— Senhor, respondeu João Soares sem hesitar, o ânimo dos fracos precisa de nobres exemplos que os robusteçam e lhes façam esquecer que o são. Vossa filha ganhou em ouvir feitos de bravura. Diz um ditado antigo da vossa terra: « Não dês sangue humano a cheirar à fera, nem aos que dispõem do poder mostres que outros fizeram mais, porque a grandeza dos fortes está em não se servir da sua fôrça para prepotências, e homem não será o que não quizer ser o primeiro entre os seus e aos olhos do mundo. »

— És judicioso, amigo, e deste-me além disso um prazer: o de poder transmitir a minha filha a linda história dêsse eleito do teu povo.

E, despedindo-se de João Soares, o sultão entregou-lhe um lindo anel com uma enorme safira, em prova do muito agrado com que o tinha escutado.

VI

João Soares passara tôda a sua vida miseravelmente pobre. Contudo a riqueza e bem estar que disfrutava em Bet-il-Mtoni não o consolavam da perda da sua liberdade. Êle, que passara muitos dias sem



... passara muitos dias sem comer...

comer, via-se com uma mesa opípara, servido em pratos de prata e copos do mais fino cristal; vestia ricamente; a sua pequenina casa era uma joia artística; tinha, embora negra, uma linda mulher que parecia amá-lo e respeitá-lo; era admirado pelo sultão e por

sua filha como um ser verdadeiramente superior ; recebia a todo o momento presentes riquíssimos ; e contudo, João Soares não estava contente.

A sua jovem esposa, que era inteligente e esperta, percebeu isso e, um dia, em que êle estava muito triste, disse-lhe :

— ¿ Queres, senhor, que, para te distraír dos teus negros pensamentos, te conte um acontecimento passado na minha infância e que tu mais duma vez me tens feito recordar ?

— Pois sim, condescendeu o emigrado.

— Então escuta :





VII

Foi muito longe daqui, na terra formosíssima em que os meus olhos viram pela primeira vez a luz do sol. O velho Samarindo, meu pai, saíra à caça com meus irmãos e alguns homens da sua tribo, e eu ficara junto de minha mãe, que nesse dia tinha decidido pentear-me e dar-me lindas pulseiras de vidro que um comerciante da Europa lhe dera em troca de productos da nossa terra. Muito contente, por estar com enfeites desusados, eu descí ao rio para ver reflectida nas águas a minha pequena figurinha. Muito alegre, batia as mãos soltando gritos de júbilo, quando appareceu junto de mim um branco dos que fizera negócio.

com minha mãe e, mostrando-me um pequeno espelho, emoldurado em papel vermelho e doirado, disse-me:

— E' teu. Dou-to se vieres comigo.

No desejo de possuir tão lindo objecto, que me parecia um tesouro inegalável, eu disse-lhe que sim.

Então, sem me responder cousa alguma, pegou-me ao colo, pôs-me em cima do cavalo que trazia carregado e, pegando-lhe pela rédea, foi juntar-se aos seus companheiros.

Eu, atada sôbre a carga, para não cair, apertava muito na mão o meu espelho com receio de o perder, mirava-me nele de espaço a espaço, dizendo com muita satisfação: «Sou linda e tenho um rio!» Mas a noite começou a cair e nós iam sempre andando. Então temi perceber a verdade e perguntei aflita ao meu raptor:

— Para onde me levas?

Ele respondeu sorrindo:

— Vou dar-te pulseiras mais bonitas e um rio muito maior.

Contente com a promessa, adormeci. Acordei alta noite, quando todos dormiam. Eu própria estava deitada numa cama improvisada com ervas sêcas. Então uma funda saudade de minha mãe e dos meus se apoderou de mim e um desejo ardente de voltar para casa resolveu-me a fugir. Ergui-me de mansinho nos cotovelos e, rastejando cautelosamente, consegui afas-

tar-me bastante do acampamento; então levantei-me e embrenhei-me no mato. Eu era muito pequena e os arbustos e ervas muito altos; o trânsito tornou-se-me



... os cães selvagens...

cada vez mais difícil e acabei por cair no chão, morta de cansaço e de medo. Ao longe, sentia uivar os cães selvagens, sentia sons que muita vez tinha notado meus pais escutarem com terror, e eu via-me só, com

mêdo dos brancos e das feras, sem saber onde estava nem como havia de voltar para os meus.

Neste estado angustioso, senti passos que se aproximavam. Julgando serem os brancos, ergui-me de novo e tentei fugir. Mas eu gastara já por tal modo as minhas fôrças, que caí de novo, e desta vez o terror fêz-me perder os sentidos.

Quando acordei, estava nôs braços de meu pai que caminhava apressado, seguido por meus irmãos e pelos seus homens, e tinha muito agarrado na mão o pequeno espelho, causa de tantos sustos e aflições. Depois soube que, dando pela minha falta, a mãe foi procurar-me ao rio e, não me encontrando, seguiu cuidadosamente os vestígios dos passos do cavalo e, sem me avistar, mas com a certeza que a leoa tem de achar quem lhe rouba os filhos, voltou a casa, tomou o arco e as flechas do meu tio, e lançou-se em perseguição dos brancos. Por um acaso feliz meu pai dirigira a sua caçada para aqueles lados. Encontraram-se. Posto por minha mãe ao facto do ocorrido, mandou-a para casa e disse-lhe que, dentro em pouco, estaria de volta comigo e lhe levaria a cabeça dos brancos.

Assim foi. Matou os brancos, apossou-se das suas mercadorias, e já regressava a casa, depois de me ter procurado inútilmente, quando me encontrou desmaiada no chão.

Entre as riquezas tiradas aos brancos havia muitos espelhos iguais ao meu, que foram distribuídos por todos.

Mas, desde então, a felicidade pareceu fugir do nosso lar: meu pai morreu, meus irmãos entraram em guerra com o chefe duma tribo vezinha, foram vencidos, e minha mãe, eu e tôdas as mulheres da nossa tribo tornadas escravas. Como eu era pequena, venderam-me a um negreiro, fornecedor antigo do sultão de Zanzibar. Minha mãe, quando se despediu de mim, disse-me:

— Córa (era o nome que eu tinha na terra), foge dos rios em que se pega e nunca queiras os bens que não são teus. Olha, a ruína da nossa tribo foi causada pelo teu rio. ; Oh, se foi!

Certo é que eu nunca mais quis espelhos e nunca apeteçi o que me não pertence.

E quedou-se silenciosa.

— Não vejo, linda Rosa, no que me contas, analogia alguma com o meu caso...

— ; Ah! E' que me esqueceu justamente o mais importante. Desde que aqui estou, não me falta coisa alguma. Posso dizer que sou rica; teem-me dado sempre tudo que apeteço; mas ninguêem me tira da alma esta grande saudade de nunca mais ver nem saber de minha mãe e de meus irmãos, e além disso falta-me a minha terra, a grande liberdade que eu tinha de correr pelos campos. Eu andava nua, não tinha nada, mas nada me faltava. Emquanto que hoje... falta-me o olhar de minha mãe, a vista das minhas florestas, a liberdade descuidada e feliz da minha pobreza... Tu, meu senhor, sofres da mesma máguã.

João Soares olhou sua mulher com simpatia e beijou-a ternamente na testa. Depois, passeando a vista em roda com desconfiança, disse-lhe baixinho:

— ; Se nós pudéssemos recobrar a liberdade!...

Rosa pôs um dedo nos lábios e murmurou muito baixinho:

— Eu pensarei nisso.

E ajuntou quási num suspiro:

— Não somos nós os únicos a desejar sair daqui.

Depois, fazendo novo gesto de silêncio, afastou-se para o fundo do aposento. Era tempo. Azé aproximava-se cantando.

VIII

Entrando na gruta, a bela *bibi* olhou em volta e perguntou alegremente, num português que qualquer nacional julgaria língua estranha:

— *¿ Stás ben, João Sóárés?*

— Muito bem, minha senhora, mas... estou triste.

— Triste, ; porquê?

— Falta-me a minha liberdade, que acima de tudo prezo. Eu não sou ingrato, linda *bibi*. Vós dais-me e tratais-me com gentileza muito superior ao que eu mereço, e muito reconhecido vos sou por tantos dons; porêem eu tinha tenção, agora que estou velho, de regressar ao meu país. Sei que isso me é já permitido, e eu pensava com grande satisfação poder ainda sen-

tar-me algumas tardes à sombra das laranjeiras floridas que ornam os antigos jardins da velha casa que herdei de meus pais.

— E é bonita a tua terra, mestre?



— Triste, e porquê? (Pag. 46)

— Mais linda de que tôdas, poisa-se airoosamente na borda do Tejo, espalhando a sua variada casaria ao longo de sete colinas formosíssimas. Dizem os antigos que o seu nome era Olissipo, e que esta era uma palavra fenícia que queria dizer *pôrto de cavalos*; outros querem que ela seja derivada do nome de Ulyss-

ses, célebre rei de Itaca. Eu, por mim, arranjo-lhe uma etimologia mais fácil e compreensível: digo que lhe trocaram o B em L e de Bisboa, duas vezes boa, fizeram Lisboa. Dirão os sábios, que se ocupam destas cousas, que isto é tolíce, mas a lógica observada pela minha dedução, é muito mais racional do que a que elles



... airosamente, na borda do Tejo... (Pag. 47)

empregam muita vez, e condiz com o pensamento que eu tenho: — a minha terra é a melhor que existe.

— ¡ Como eu gostava de a ver, João Soares! Também eu preferia ser pobre e poder correr mundo, observando e sentindo o prazer imenso de contemplar a obra divina, a estar, sem que nada me falte, retida entre as altas muralhas dêste opulento harêm.

— Senhora, disse Rosa adiantando-se, depende de vós quebrar a nossa escravidão. Vós sois rica, tendes jóias e objectos de grande valor. Com alguns dêles se

pode comprar o silêncio e a fidelidade dos que nada teem, e preparar a nossa fuga para a Europa. O capitão da frota que está prestes a partir, segundo murmúrios que ouvi entre os eunucos, um dia em que eu colhia flores no jardim para o vosso toucador, está descontente com a maneira pela qual vosso pai mostra a marcada preferênciã que tem por Condora, distinguindo-o sempre que para isso tem ocasião, emquanto que êle, sem motivo justificado, é sempre olhado com desdêm.

— Meu pai suspeita que êle é cristão e faz propaganda a favor da sua religião entre os filhos do Islão.

— Mais um motivo. senhora, para bem vos servir. Sabendo que a queda da sua cabeça depende dum simples gesto do sultão, o pobre não se deve sentir bem em Zanzibar, observou João Soares, cujo olhar brilhara de esperança desde que Rosa falara em evasão e Azé se não indignara ouvindo-a.

A princesa ficou silenciosa e pensativa. Depois de alguns segundos, exclamou:

— Eu pensarei nisso, mestre. A ninguém, mais do que a mim, pesam as altas muralhas do harêm, talvez por isso mesmo que nunca transpus as suas portas. Agora canta-me os louvores dos teus heróis.

— Louvores, não, senhora. Eu refiro verdades e, acreditai-me, não ha palavras que possam dar a justa impressão do muito que valem os nossos maiores. Dizia o grande épico Luís de Camões, do qual tam-



Luiz de Camões (Pag. 49)

bêm vos contarei a história no seu soberbo poema *Os Lusíadas*, dirigindo-se ao rei D. Sebastião:

E julgareis qual é mais excelente
Se ser do mundo rei. se de tal gente.

E vós, princesa, ouvindo narrar os raros feitos de armas, nobreza de alma e valentia dos portuguezes de todos os tempos, heis de concordar que ser simplesmente portuguez é preferível a ser rei ou grande de outra qualquer nação. Ora escutai atentamente e dissei se vos não parece incrível que num só homem se accumulassem tanto bem e virtudes :





IX

! Oh! que vulto imortal o dêste herói,
Cujas façanhas, probidade e glória,
Tornaram tão grandiosa a nossa história,
Que de glórias alheias se não dói!

Tinha tanta isenção, tanta altivez,
Que, acompanhando a Tunis Carlos V,
Nada quis aceitar do rei distinto,
Pois qu'ria o galardão só português.

Pelo seu rei louvado ser bastava.
Despojos e riquezas não tentavam
Alma, cuja ambição não desvendavam,
Por ir além de quanto praticava,

Em virtude, valor e galhardia.
O mundo deslumbrou num ponto tal,
Que, se em luz se medisse quanto val,
Finar-se-ia de inveja o próprio dia.



D. João de Castro

Defendia-se Diu heróicamente,
Em mil quinhentos e quarenta e seis,
Quando êle veio curvar à fôrça e leis
Da costa Indiana insurrecta gente.

Foi batalha das mais sangüinolentas
E memoráveis que nos conta a história,
E foi preciso, depois da victória,
Reconstruir rufnas que as violentas

Fúrias selvagens tinham produzido.
Não possuindo dinheiro, em tal apuro
Êste homem de carácter nobre e puro
Pratica então um acto nunca ouvido :

Corta metade à sua barba honrada
E, dando-a a Gôa por penhor, pediu
Uns vinte mil pardaus. Reconstruiu
Com essa soma a cidade arrasada

E o dinheiro pagou nos prazos dados
Provando uma vez mais sua nobreza.
Tomou vingança enorme da baixeza
Com que vários dos seus foram tratados

Pelos reis vis d'Achêm e de Pedir.
Tendo restab'lecido a India, veio
Surpreendê-lo a morte inda no anseio
De outras mil nobres cousas conseguir.

Mostrou-se um matemático distinto
Co' o Roteiro de Gôa até Suez.
A imensa glória dêste português
Dava para cem homens. Não lhe minto

Dizendo que, se houvesse em Portugal
Homens de igual valor em nossos dias,
Renasceriam fontes de alegrias,
Terminava de vez quanto vai mal.

Nos braços de Francisco Xavier,
Santo que muito bem na India fêz,
Finou-se o grande vulto português,
E em fama eterna há de viver.

; Tão pobre o grande herói, que não deixou
No seu cofre, além de três riais,
Mais que um cilício! Pois seus cabedais
Em bem servir a Pátria bem gastou.

Foi a expensas do público enterrado
Quem tanto pelo público sofreu.
Além da vida, ao mundo inteiro deu
Exemplo que bem raro é imitado.

Da nau da glória ao mais alto mastro
Se guinda a fama de quem se disser :
« Não tem vis ambições. Sabe o que quer.
Parece em tudo um Dom João de Castro. »

Mal João Soares acabou, ainda a derradeira nota vibrava no espaço, quando a princesa, que já entendia menos mal o português, exclamou vibrante de entusiasmo :

— Tens razão, mestre, não há na face da terra um povo como o teu. ; Ah! ; meu pai bem dizia que os portugueses eram grandes entre os maiores!

E a princesa retirou-se, deixando João Soares e Rosa cheios de esperanças, na idea duma possível fuga.

X

— Sabes, meu senhor, disse um dia Rosa ao seu marido, o velho João Soares, o sultão não pode já



— Sabes, meu senhor...

passar sem ti. Eu não quero mesmo imaginar qual será o seu desespêro se nós conseguirmos fugir.

— Nem a sua vingança, se nos pudér alcançar, completou estremecendo o emigrado.

— Isso não alcança, porque todos os que estão dispostos a auxiliar o nosso plano são cautelosos e prudentes: eles não esquecem que, se não fôsem bem sucedidos, Seji-Said lhes mandaria imediatamente tirar a vida. Mas para que havemos de atristar nossos pensamentos, senhor, quando o azul do céu esplende sem nuvens e o sol agasalha e alumia a terra, ardente de carinhoso amor?

«Eu vou contar-vos, para vos distraír um pouco, a história duma preciosa jóia que causou graves discórdias entre as lindas e feias mulheres que habitam este harêm.





XI

Havia em Ofir, terra que os sábios dizem ser, uns na África oriental, outros na India ou ainda nas ilhas de Sumatra, Java, etc., mas que era país muito opulento, porque lá mandava Salomão as suas frotas buscar oiro; havia em Ofir, dizia eu, um dos homens que mais importava e exportava riquezas, servindo-se para isso do gôlfo arábico, onde vinha, de tempos a tempos, fazer as suas transacções. O mais velho dos ascendentes de Seji-Said comprou-lhe várias e riquíssimas jóias que sempre se conservaram, atravez das gerações, propriedade exclusiva desta antiquíssima família. Entre elas, era apontada como a melhor, mais rara, e mais bela, um diamante verde de extraordinárias dimensões, com o qual muita vez Seji-Said gostava de se adornar. Um dia, a velha Fátima, que tu

ainda não viste nem talvez vejas, mas que é a mulher que mais força e poder tem no sultão e que êle consulta sempre em tudo, porque lhe quer mais do que a ninguêm, apeteceu a rica jóia e Seji-Said cedeu-lha prontamente com a gentileza com que satisfaz sempre os seus menores caprichos. E a velha Fátima, contente de ter conseguido aquilo que, a não ser ela, ninguém teria obtido do sultão, mostrou-se em todo o harêm adornada com a formosíssima jóia, despertando conscientemente o ciume e a inveja entre tôdas as mulheres do harêm. Chola, que tinha a alcunha de Estrêla da Manhã, filha também do sultão e não menos querida que a bela Azé, estava habituada a que seu pai lhe confiasse, por um privilégio único, a chave dos tesouros, e a escolher primeiro que ninguém. A inveja odiava esta encantadora mulher que, depois da morte de seu pai, foi envenenada, por êle, em vida, lhe ter dado um esplêndido diadema de brilhantes. Chola, em vida, porém, não estava habituada a que seu pai desse a ninguém o que a ela lhe negara, e, vendo a velha Fátima tão rica e generosamente presenteada, sentiu o seu coração moidido pela inveja e, pretestando doença, recolheu-se longos dias ao seu quarto. Ali a foi encontrar a bela Azé, imersa em fundo desespero. A minha senhora, que tu vês tão amável e gentil, detestou sempre a velha e imperiosa *bibi* Fátima, pelos desgostos e maus tratos que ela causara a sua mãe, pobre escrava dêste harêm. Vendo sua irmã tão chorosa, disse-lhe :

— Não te desoles, linda Chola, que te fazes velha e feia como a *querida bibi*. Enxuga os teus belos olhos e deixa o sorriso florir teus lábios. ; Ela quis o diamante verde? Pois eu te juro pelo Profeta que o não há de gozar.



Chola, que tinha a alcunha... (Pag. 59)

E, chamando Said-Nabur, que de pequena a tinha em grande affecto, disse-lhe:

— Nabur, eu quero o diamante verde que a velha Fátima ostenta ao pescoço.

— Senhora, tu não sabes o que pedes, voltou-lhe o avisado velho. ; Se o diamante verde desaparecer,

há de ser procurado, e ai daquele nas mãos do qual for encontrado!

Azé, sem lhe responder, insistiu:

— Said-Nabur, eu quero o diamante verde.

— Te-lo-hás, senhora.

E o velho Nabur afastou-se, pesaroso e triste.

Nessa noite, quando Seji-Said, rodeado da família, ouvia deleitado o grande órgão, a velha Fátima soltou um medonho grito. Interrogada pelo sultão, respondeu:

— Olhe, meu senhor, olhe.

E mostrava-lhe a ausência do fio de pérolas a que suspendia o magnífico diamante verde.

— ¡Roubaram-mo! ¡roubaram-mo! exclamava a velha *bibi* furiosa.

O sultão, pálido de cólera, bradou:

— Tal atrevimento pagar-se-há bem caro. Descansa Fátima, o diamante há de aparecer. Recolham-se todos imediatamente aos seus aposentos, e tremam os culpados porque justiça será feita.

Todos se retiraram cheios de terror. A linda Azé, ao passar pelo velho Said-Nabur, disse-lhe:

— Depressa, entrega-me a jóia.

Êle ia a recusar, receando comprometê-la, mas ela olhou-o de tal modo, que Nabur obedeceu. Então minha ama entrou no seu quarto, meteu o colar num cofre de chumbo, saiu e, atravessando o jardim, foi ao canteiro florido do mirante que dava sôbre o lago. Daí precipitou o cofre no lago e, sempre correndo,

entrou de novo nos seus aposentos e lançou-se vestida sôbre o divã. Passou tempo. As buscas foram primeiro minuciosamente feitas naqueles em que me-



E o velho Nabur afastou-se... (Pag, 61)

nos confiança havia; mas não lhes tendo sido encontrados os objectos que procuravam, as próprias princessas foram revistadas assim como os seus quartos.

Não se encontrou cousa alguma, e o sultão prometeu uma quantia avultada a quem trouxesse o colar e sobre tudo o diamante verde. Passou tempo e não appareceu o menor indício do modo por que o roubo fôra praticado. Então o sultão prometeu um prêmio magnífico e o perdão da falta a quem contasse como roubara o colar.

Não foi melhor sucedido. E o diamante verde teria caído no esquecimento, se a velha Fátima, inconsolável, o não pedisse ao sultão quotidianamente.

Então o velho Sadi-Nabur, que tôda a sua vida fôra um homem honrado, começou a pensar no mal que procedera, e tinha remorsos, quando ouvia chorar a velha *bibi*, de a ter privado dum bem que era legitimamente seu. Perdeu o sono, o apetite e, vendo que o seu espírito não achava repouso, decidiu-se a procurar minha ama e a pedir-lhe que, visto que lhe tinha feito perder a tranqúilidade da sua consciência, lhe permitisse reparar o êrro praticado, entregando a jóia que ela tinha, decerto, em seu poder.

— Não posso entregá-la, Nabur, já a não tenho.

— Que lhe fizeste, senhora? perguntou aflito o atormentado velho.

— Dorme o sono eterno no fundo do lago. Ali ninguém irá buscá-la, nem mesmo tu.

Sem nada lhe responder, Said-Nabur afastou-se e foi procurar o sultão:

— Senhor, disse-lhe êle, tenho sido tôda a vida um vosso fiel e dedicado servidor.

— E' certo, meu amigo, ainda ninguém ousou suspeitar da tua lealdade.

— Senhor, eu venho dizer que não mereço a vossa confiança: fui eu que roubei o diamante verde.

— ¡Tu! exclamou admirado o sultão, isso não é possível. Enlouqueceste, meu caro Nabur.

— Não, senhor, estou em meu juízo. Perdi-o momentâneamente quando cometi o crime.

Pálido e convulso, como sempre que o dominava a cólera, Seji-Said ordenou secamente:

— Conta-me como procedeste, e qual o motivo que te levou a macular uma vida honrada, quasi ao chegar ao seu termo.

— Senhor, proseguiu o velho com voz trémula, eu criei vossas filhas, e tanto a linda Chola como a bela Azé foram tôda a sua vida os meus únicos e grandes affectos. Quando, na vossa sabedoria, destes à *bibi* Fátima, vossa mulher, aquela jóia que era o encanto das vossas filhas, elas sofreram de inveja e ciúme, e eu mais sofri vendo-as sofrer. Então pensei em fazer desaparecer a causa da sua mágua. Já que a linda jóia não adornava nenhuma das minhas queridas *bibis*, não quis que ela servisse de atavio a ninguém. Quando a velha *bibi* se dirigia para o salão, no intento de ouvir a música, tirei-lhe o colar sem que ela percebesse e, metendo-o num cofre de chumbo, que em tempo me dera uma das princezinhas, lancei-o no sítio mais fundo do lago. Evitava assim o desespêro das minhas queridas *bibis*, mas não contava com o remorso que

persegue constantemente a consciência dos que se desviam do caminho que teem por dever trilhar.

A pouco e pouco o semblante do velho sultão desanuviara-se e, quando o seu velho servidor terminou a custosa confissão, êle ergueu-o nos braços e disse-lhe :



No fundo do lago... (Pag. 64)

— Não digas a ninguém o que me acabas de contar. Pensaste mais do que eu em minhas filhas. Isso não foi um roubo, embora fôsse uma feia acção. Contudo perdôo-te e prezo mais a tua vida que o diamante verde. Restituiste-mo. Já sei que o tenho e está bem guardado no fundo do lago onde o deitaste. Não

serei eu que o tire de lá, enquanto a velha Fátima viver e Azé se não casar. Dá-lo-hei à minha Chola, não tão bela como Azé, mas filha mais meiga e carinhosa.

— Porê, senhor, vós tinheis dado a jóia à velha *bibi*, murmurou desagradado, mas humilde, o velho servo.

Seji-Said olhou-o com simpatia e volveu-lhe:

— Representante de Alá sôbre a terra, eu tenho a faculdade de dar e retirar seus dons e de punir os que erram, segundo as suas faltas. Para a falta que cometeste, o castigo que te imponho é veres a dor da nobre Fátima e saberes que foste tu, e só tu, que lha causaste.

— Senhor, vós sois benévolo comigo, segundo a nossa lei, mas punis-me cruelmente.

— Assim tem de ser. É justo que a falta seja punida e a culpa expiada. Vai e nunca mais deixes que a inveja penetre no teu coração.

O bom Said-Nabur veio contar a minha ama o que se passara, e a bela Azé ralhou-lhe muito de êle se ter culpado diante do sultão. Ninguê, a não serem as pessoas interessadas, sabem esta história. A princesa contou-ma o ano passado, quando Said-Nabur morreu, sempre ralado pela dor de ter feito aquilo que não devia. Se êle vivesse, meu senhor, fácil nos seria sair daqui, porque, se um homem honrado rouba por bem querer, mais depressa segue e prepara a fuga daqueles que estima.

— Enganas-te, Rosa. Quando um homem honrado é levado a cometer uma falta, o seu desgosto é tão grande como o seu remorso e nunca mais se desvia do caminho do bem.

— Tu que o dizes, senhor, é porque assim é.
E Rosa calou-se e ficou pensativa.

XII

João Soares pegou no alaúde e ensaiou o canto que, por desejo do sultão, lhe fôra pedido para essa noite.

Rosa, scismando, fitava-o embevecida.

Dizia assim a letra da canção do velho emigrado, depois de, segundo o costume, lhe anunciar o título:





XIII

O príncipe dos poetas portugueses
Viu na bela Lisboa a luz do dia.
Terminou cedo o estudo, e bastas vezes
Mostrou na côrte o muito que valia.

Apaixanou-se por Natércia, a linda,
Que em sonetos, cantando, eternizou:
Porêm, como não era grande ainda,
Tôda a família dela o desdenhou.

Por influência sua, desterrado,
Se foi o vate insigne a Santarêm.
Lá escreveu rimas que nos há deixado,
Comédias, elegias e também

Ali foi afagando o pensamento
De em Ceuta o nome seu ir ilustrar.
Como era buliçoso e turbulento,
Não teve oposição p'ra se afastar.

Em Ceuta distinguiu-se por valente.
Numa nau, comandada por seu pai,
Bateu-se o nosso herói com sanha ardente,
E da refrega sem um ôlho sai.

Perto do estreito já de Gibraltar
Se deu a luta em que Camões cegou.
Era ilustre ao partir, mas, ao voltar,
Trazia os louros de quem batalhou.

Não vendo os seus serviços compensados,
(Que a um génio quási tudo corre mal)
Tendo sonhos de glória insaciados,
Embarcou com Fernão Alvar's Cabral

Na nau S. Bento. Á Índia emfim chegou.
Contra o rei de Chambé, no Malabar,
Em campanha gloriosa se ilustrou.
A' bôca do Mar Roxo foi esperar,

Na armada de Manuel de Vasconcelos,
Os mouros, no desejo de os vencer,
Não se realizando os seus anelos
Por a frota mourisca se abster.

Sendo o chiste inimigo da prudência,
E tudo que é verdade mais talvez,
Teve o nosso Camões a imprudência,
Mais que imprudência, a grande insensatez

De escrever uma sátira troçando
De Francisco Barreto e dos seus feitos.
O mau governador, não perdoando,
Fêz-lhe sentir da raiva os maus efeitos

E p'rás Molucas a Camões mandou
Até que Constantino de Bragança
Foi governador, e então sustou
A pena imposta ao vate por vingança.

Na foz do rio Mecom teve um naufrágio,
Salvando a custo a vida e êsse poema
Que lhe grangeou universal sufrágio,
Sendo da sua gloria o melhor lema.

Vítima d'invejosos, caluniado,
Inocente, foi preso. Um seu credor
O quis manter mais tempo encarcerado.
Valeu-lhe a estimã do governador,

Conde de Redondo, que era nobre,
E a dívida pagando ao homem mau,
Soltôu o poeta sem vexar o pobre.
Embarcando depois em alta nau



Salvando a custo a vida e êsse poema (Pag. 70)

Seguiu Pedro Barreto a Moçambique,
Que quis medrar à sombra de Camões.
E pô-lo na indigência, quási a pique,
De naufragar em terra. ¡ Que ilusões

Tem um carácter bom! A *Santa Fé*,
Nau que levava alguns amigos seus
Ali foi dar. Camões, como quem é,
À pátria volta enfim, mercê de Deus.

Chegou quando em Lisboa andava a peste,
Trazendo povo e côrte espavoridos.
O rei estava no campo e os seus validos
O reino governavam. Sem que preste

Ninguêem ao nosso herói grande atenção
Publica o grande poema, e tal proeza.
; Como a compensa Doin Sebastião?
; Com parca tença! Tão pequena empreza

Com pouco e vil dinheiro ousou pagar.
; Mesquinho d'alma que a quem tanto o honrava
Não sabia sequer avaliar!
; Pobre Camões! ; Que gente o rodeava!

Passaram anos. A miséria aumenta.
Com ela vai também crescendo o mal.
Ao morrer Jau, o índio que o sustenta
Pedindo, é transportado ao hospital.

; Ali morreu tão grande patriota!
Por dor última ainda recebeu
A trágica notícia da derrota
Que a nossa gente n'África sofreu.

«Acabarei a vida, e verão todos
Que fui tão afeiçoado à minha pátria
Que não só me alegrei de morrer nela
Mas de morrer com ela.» Tinha a rodos



... Jau, o indio que o sustenta (Pag, 72)

São lindas as palavras que deixou
Quando a morte o andava a cubiçar,
Numa carta que ainda nos chegou
E que a cada momento ouvis citar :

A fôrça na expressão, e do seu espírito:
Cheio de limpidez, a frase bela
Corria como as águas da nascente.
Por isso o bronze, a pedra, o livro, a tela,
O mostra ao mundo de estatura ingente.

Rosa, que, melhor já do que a princesa Azé, conhecia o português, louvou muito a canção do emigrado e afirmou-lhe que, tanto o sultão como a bela *bibi*, deviam ficar encantados ouvindo a história infeliz de tão nobre português, embora êle, em seu coração, não estimasse os filhos de Alá, visto ter-lhes feito espera à bôca do Mar Roxo. E ajuntou:

— Eu, meu senhor, não tenho para te contar as brilhantes e comoventes façanhas dos heróis dum povo, mas histórias, não menos verdadeiras, embora mais humildes. Contudo, por isso mesmo que estás habituado a ouvir e saber grandes e nobres cousas, acharás talvez graça às singelas e pequeninas que eu te conto, tão diferentes em tudo das tuas: umas se assemelham às trevas, outras ao sol quando esplende fulgurante sôbre o azul sem nuvens e nêle atinge o ponto mais alto do seu luminoso caminho. Assim tu contaste-me a vida dum gigante, eu vou-te contar:



*A vida das
formigas*



XIV

Quando eu era ainda criança e tinha a imensa ventura de habitar a cabana de meus pais, veio à nossa tribo um branco seguido de muitos criados, a pé e a cavalo, e de inúmeros carregadores, portadores de lindas alfaias que êle generosamente oferecia a trôco de conhecer o nosso país, usos e costumes. Dava a todos cousas lindas, aceitava o que lhe davam, mas dava sempre muito mais do que recebia e tratava todos com tanta bondade, que, não sabendo pronunciar o seu exquisito nome, os nossos lhe ficaram chamando *O bom dos bons*. Êste homem falava a nossa língua muito bem e permaneceu entre nós bastante tempo, porque três vezes os coqueiros se cobriram de flores e

fruto sem que êle desfizesse a casa de lona branca que assentara na margem do rio de que já te falei, onde nos íamos ver como num espelho. Um dia, em que eu, com um pauzito, procurava matar uma formiga, êle disse-me:

— Não lhe faça mal: ela tem tanto direito à vida como tu.

Isto pareceu-me uma grande tolice, mas, como o branco passava por muito sabedor, fiquei pasmada sem achar que lhe responder. Então êle continuou:

— Vou fazer-te estimar a formiga. Senta-te aqui, no chão, ao pé de mim.

Quem não sabe ler, meu senhor, tem uma memória muito fiel, porque, conhecendo poucas cousas, essas guarda-as muito ciosamente para melhor entender as outras. Assim, sentando-me no chão, eu fitava o branco com olhos muito grandes, sem querer perder nenhuma palavra ou gesto para contar depois exactamente aos meus as cousas que êle me explicava. Êle começou:

— As formigas, minha pequena, são mais trabalhadoras que muitos homens e mulheres. Na minha terra, as pessoas ignorantes, vendo-as sempre atarefadas com trabalho, julgam que elas juntam no tempo quente o que devem comer no tempo frio, e isto não é verdade. Não só as provisões se lhes estragavam, como durante êsse tempo elas se não mexem, parecem dormir e não teem necessidade de alimento. A maior obra da formiga é a construção do formigueiro; é para isso

que elas transportam com tantos esforços e dificuldades, bocadinhos de pau, palhas, etc., de que se servem para tornar sólidas as galerias subterrâneas, comunicando tôdas entre si, e que lembram uma cousa que nunca viste: o interior duma mina de carvão. Teem uma quantidade grande de buracinhos por



... bocadinhos de pau, palhas...

onde entram e saem, mas, logo que a noite começa a baixar, as obreiras recolhem-se e fecham os buracinhos com uns pedacitos de palha, exactamente como teu pai fecha a porta da sua cabana.

— ; Mas para que fecham elas as portas? perguntei, incrédula e admirada.

— Para se defenderem de outros insectos nocturnos que as podiam vir atacar.

— ; E' curioso! murmurei eu cada vez mais interessada. ; Então as formigas também teem tribus inimigas das suas?

— ; Então não teem! A construção da sua casa, ou cidade, como melhor lhe queiras chamar, não impede as formigas de fazerem outros trabalhos. Ha três espécies de formigas. As que trabalham, os machos e as fêmeas: qualquer dêstes últimos teem azas, mas não as gozam por muito tempo, porque as obreiras cortam-lhas, para que não vão pôr os ovos fora do formigueiro.

— ; Então são más?

— Não, é um uso delas. Olha que na tua terra há alguns usos que não são menos bárbaros e dos quais no entanto ninguêem se admira.

Eu não percebi muito bem o que êle queria dizer com *bárbaros*, mas supus que era como quem dizia que *não eram melhores*, e vi depois pelo seguimento que não me enganei.

As formigas que eu chamo obreiras são as mais simpáticas. São elas que constroem o formigueiro, que educam as pequeninas, tomam cuidado dos ovos e alimentam as larvas (1). Quando as larvas vão mudar de forma, envolvem-se num pequeno casulo branco, e as obreiras redobram de cuidados para êstes meninos de nova espécie. Quando faz bom tempo, tiram-nos de casa e veem expô-los ao sol; mas, se ameaça chuva, estas amas cuidadosas apressam-se a recolher os seus bebês e levam-nos para o sítio mais

(1) O primeiro estado do insecto ao sair do ôvo, antes de ter azas; o ôvo depois que o insecto saiu dêle chama-se casulo.

fundo do seu palácio para os proteger da chuva. Depois, quando as larvas se tornam *ninfas*, sofrem a última metamorfose, e as obreiras ajudam o insecto per-



As vacas das formigas...

feito a desembaraçar-se do seu invólucro. Uma outra cousa verdadeiramente engraçada é que as formigas teem vacas.

— ; Vacas?! perguntei eu admirada.

— As vacas das formigas são o que nós chama-

mos pulgões. Sugam um líquido doce de que o pulgão colheu os elementos em várias plantas. Esfregam docemente o pulgão com as suas antenas e assim conseguem extrair-lhe do corpo o líquido de que são gulosas. ; Muitas espécies de formigas levam os pulgões para o formigueiro, onde os tratam com todos os cuidados!

Esta história, que o branco me contou, encheu-me de admiração pelas formigas e nunca mais lhes fiz mal, em atenção à sua inteligência e trabalho. ; Ah! se o *bom dos bons* me tivesse falado ou mostrado um espelho, não nos teriam mais tarde acontecido tantas desgraças.

E, imitando o fatalismo oriental dos seus amos, Rosa ajuntou resignadamente :

—! Tinha de ser!

João Soares ouvia a mulher com um sorriso nos lábios e deixou-a falar até ao fim sem interrompê-la. Quando ela terminou, disse-lhe :

— ; És muito inteligente, Rosa! É verdadeiramente assombroso, como, na tua grande ignorância, pudeste entender e consegues reproduzir tão bem a história que qualquer explorador europeu se divertiu contando-te. Isso que para ti é um caso maravilhoso, é sabido na Europa por tôdas as crianças que vão à escola. O que êle te não contou é que, a par dessas formigas trabalhadoras, há outras maiores e mais fortes, de côr ruiva, que são umas grandes preguiçosas. Juntam-se em bandos e vão atacar os formigueiros

das pretas, que, apesar de mais fracas, os defendem com denodo, acabando por ser vencidas. Então dá-se o saque e levam para o seu formigueiro ovos e larvas que, depois de *insectos perfeitos*, se tornam escravas



Rosa escutava o emigrado...

obedientes das conquistadoras. Não fazem cativas as vencidas porque teem o instincto de que, habituadas à liberdade, lhes fugiriam logo que tivessem ensejo. Assim que teem quem as sirva, nunca mais fazem nada, e morreriam por preguiça se as suas escravas não tratassem delas.

Rosa escutava o emigrado, de bôca aberta e, quando êle terminou, teve esta observação que o fêz rir:

— ; Mas então os insectos andam a imitar a gente? ; Essas formigas ruivas são os sultões e as *bibis* do harêm, emquanto que as pretas somos nós!

— Não sejas injusta com a sorte, Rosa. As pretas são comparáveis aos escravos; nós, embora privados de liberdade, ninguém nos obriga a trabalhar e nenhuma comodidade nos falta.

— Dizes bem, senhor, voltou submissa a pobre núbia; mas eu não posso lembrar-me sem saudade de que nunca mais verei a cabana de meus pais, nem florir os coqueiros de cujo fruto tão gulosa sou.

XV

Soaram passos rápidos e apressados na areia do jardim e a bela *bibi*, entrando precipitadamente, disse a João Soares:

— Mestre, depressa, dize-me: ; para que terra hei de exigir que nos levem?

— Para Lisboa, senhora. É a capital de Portugal. Ali teremos tudo que precisamos. Mas atentai, princesa, que arriscamos a vida nesta empresa. Eu sou velho; porêm vós e Rosa sois jovens, e não tendes o hábito do trabalho. Estais, sobretudo, no costume de mandar e ser obedecida... ; a vida lá é tão diferente!... ; tão diferente!

— Deixemo-nos de mais considerações. Amanhã à noite, depois de meu pai se ter recolhido aos seus apo-

sentos, o guarda da porta esperar-nos-ha junto ao mirante do lago. Tu saís a passeio com Rosa, como de costume, e sentas-te, depois de passeares, no banco. Nessa altura, eu chamo o chefe dos eunucos e levo-o aos meus aposentos, onde o detenho sob um pretexto qualquer: volto a ter contigo e com Rosa e saímos, deixando a grande porta fechada por fora. Deve levar algum tempo primeiro que deem pela nossa falta. Então procurarão o guarda da porta, irão à velha *bibi*, ao sultão, etc. E enquanto reina a confusão, nós teremos tempo de embarcar e de nos pôr ao largo. As únicas pessoas que se arriscam sou eu e Rosa. Tu estavas condenado à morte, logo que os teus serviços deixassem de ser necessários, e os outros... os outros... também decaíram há muito das graças do sultão, que os julga coniventes em alguns abusos que se teem praticado das portas adentro d'êste harém.

Ouvindo que estava condenado à morte, o pobre João Sóares, embora estivesse velho e lhe não restasse muito tempo para viver, sentiu um suor frio imundar-lhe a testa, e foi preciso amparar-se à parede para não cair.

Notando a sua perturbação, a bela *bibi* sorriu e observou-lhe com ironia:

— Parece, mestre, que não partilhas do valor dos eleitos da tua terra: a idea da morte tornou-te pálido e abatido!

Volvendo imediatamente a si da comoção sofrida, o português respondeu-lhe sorrindo:

— Senhora, não há ninguêem tão destemido que, ao receber imprevistamente a notícia de estar condenado a uma morte inglória, e talvez cruel, se não per-



... o chefe dos eunucos... (Pag. 83)

turbe. A novidade é pouco agradável, mas, passada a primeira e natural surpresa, o corpo está tão pronto como a alma, e nunca um português tremeu diante da morte. Se me for dado prová-lo a vossos olhos, rego-

zijo-mê de que saberei ser um exemplo aos mais novos da minha raça.

— És valente, mestre, e essa qualidade é a que mais agrada às mulheres. O homem, que não é forte de alma e valente de corpo, não nos merece estima. É por isso que eu ardo em desejos de ir ver o teu país, visto que êle é constituído por gente de valor. Tu dizes que as mulheres teem lá grande liberdade, que falam com tôda a gente, que andam por tôda a parte e todos as estimam e respeitam. Eu anseio por me ver no teu país, livre desta vida de prisão e tristeza que me affige e oprime.

— Senhora, volveu-lhe João Soares, não quero a todo o tempo sentir que mereço as vossas censuras, nem que vos conduzi à desventura: está provado que uma flor, habituada a viver na estufa, morre quando repentinamente a transplantam para o ar livre. As mulheres belas são como as flores. ; Bela *bibi*, cuidado!

— Deixá-lo! volveu a teimosa princesa. Ainda que tenha de morrer, hei de ver êsse berço de heróis. Vou contigo, João Soares.

— E' grande honra, senhora, que me queirais seguir, e muito grata me é essa resolução; porém, falando-vos como falei, obedeci à voz da consciência e do dever, e não à voz do coração. Hoje, vós e Rosa sois tôda a minha família, todos os meus affectos. Deixar-vos e partir, seria levar o corpo deixando ficar a alma. Assim, nada me contrista senão a possibilidade duma traição.

— Ninguêem nos trairá, mestre, porque, traíndo-nos, traíam-se a si próprios. Não deixes de encantar hoje o sultão, cantando-lhe uma das tuas mais bonitas canções, e mostra-te despreocupado e feliz. É forçoso que êle esteja convencido de que ainda tens muito que me contar e ensinar. Tu, Rosa, hás de ir à hora da sesta ao meu quarto de dormir. Escolhere-mos ali as jóias, o fato mais necessário e de mais fácil transporte. A nossa bagagem há de ficar já esta noite lá fora, para que nada nos possa embaraçar a fuga. A Rosa que leve aos meus aposentos as suas e tuas cousas.

E, exclamando piedosamente: «¡Alá seja connosco!» a formosa Azé afastou as tapeçarias e saiu da gruta, no passo lento de quem nada tem que fazer. Logo que ficaram sós, o emigrado e a mulher trocaram um olhar inquieto, mas no qual brilhava uma grande esperança: a da certeza da vida e do gôzo da liberdade.

*

* *

Chegou a noite. Seji-Said appareceu mais cedo que de costume, disse a João Soares, no tom de quem se desculpa:

— Vim cedo, meu amigo, porque me disse a minha filha que tu tens hoje uma história bonita para me narrar.

— Senhor, a princesa confunde-me, achando bom

tudo quanto lhe canto ou digo: é efeito da sua rial bondade e não dos meus merecimentos.

— Não é tanto assim, português. É certo que Azé te distingue com a sua estima, mas não é menos certo que tu merces a sua e a minha admiração. ; Então que me narras hoje?

— Hoje, senhor, vou falar-vos dum herói de tamanha grandeza que em nada descai dos já cantados, e vós direis que parece fábula a estatura dos homens do meu país. No entanto nada mais rial, e em qualquer nação culta vós ouvireis louvá-los com gratidão e aplauso, porque a sua bravura e valentia aproveitou ao mundo inteiro, que é credor aos portugueses, de serviços e favores com os quais ninguém ousou nunca competir. Êles rasgaram mares, descobriram terras, tornaram possíveis aos outros emprêsas que nunca se teriam tentado, e foram sempre altivos de coração, desinteressados, probos e liais. A pátria é para êles o mais puro e mais sagrado amor; servi-la, a sua maior honra; engrandecê-la, o mais puro e sagrado dos deveres. Os heróis de que vos tenho falado, senhor, teem todos sido grandes até na pobreza, sofrimento e valentia com que, a par dos trabalhos físicos, suportavam os males morais. Êste, senhor, não. Foi o único talvez, que se vio justamente apreciado e cujos serviços, para o tempo, foram condignamente galardoados, porque o rei além dos títulos de Dom, conde da Vidigueira e de almirante dos mares da Índia, lhe fêz mercê duma tença de trezentos mil réis, quantia que

era avultadíssima para aquela época. Quando, tendo descoberto a Índia, êle voltou a Portugal pela primeira vez, foi recebido com grande honra e distinções, e aclamado pelo povo até ao delírio



El-rei D. Manuel

«Vasco da Gama nasceu em Sines, ai por 1450, e desde os mais tenros anos mostrou decidida vocação para a arte de navegar. El-rei D. Manuel o escolheu entre todos para o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, e para êsse fim saiu êle do pôrto de Belém, a 3 de julho de 1497, com

quatro naus, três de guerra e uma de mantimentos, e ao todo, 148 homens. Não se encontra um exemplo semelhante na história do mundo. ¿Quem, com tão pouco, se abalançaria a tanto? Segunda vez o mandaram à Índia com uma armada de vinte velas, e de caminho tornou o rei de Quíloa tributário do rei de Portugal. Depois de novas façanhas e triunfos, entrou no pôrto de Lisboa em novembro de 1503, sendo recebido com salvas de artilharia e grande regozijo do público. Mais tarde, já no reinado de D. João III, vendo êste monarca o péssimo estado a que a política de D. Duarte de Menezes levava a Índia, mandou novamente ali D. Vasco da Gama, convencido de que só êle poderia restabelecer definitivamente tranquilidade e paz.

«Desta vez Vasco da Gama partiu com uma esquadra que já não era pequena para aquele tempo. Levava três mil soldados e 16 navios. Perdeu dois e experimentou horríveis tempestades, que afrontou com grande serenidade de ânimo, dando a todos exemplo de alma forte e intrépida. Conferira-lhe D. João III o título de vice-rei da Índia. ¿A que mais podia aspirar um carácter como o seu? Contudo, desta vez, o grande herói não foi tão feliz como das primeiras vezes. Restabeleceu a ordem, mas parece que tinha ido expressamente à Índia para morrer naquele país, teatro das façanhas em que se cobriu de imorredoura glória. Sentindo que se lhe avezinava a morte, fêz reunir em volta de si todos os seus officiais e lhes pediu que,

emquanto o rei não nomeasse o seu sucessor, obedecessem a Lopo de Sampaio. No dia 24 de dezembro de 1524, soltou o grande vice-rei o último suspiro. Em 1538, transportaram o seu cadáver para Portugal, onde El-Rei lhe fêz prestar as maiores honras.



Lopo de Sampaio

«Foi cheio de nobres e grandes qualidades : probo, valente, generoso, lial, amante da justiça e da Pátria, a qual o recompensou em vida com largueza e affecto. De todos os heróis portuguezes é aquêlê de que, no meio da sua grandeza verdadeiramente épica, se poderia dizer que foi inteiramente feliz, se não tivesse

morrido longe da terra da Pátria. Conto-vos isto, senhor, concluiu João Soares, porque a canção o não diz, embora muito dignamente apregõe a fama dêste eleito da sorte.

Depois, tomando o alaúde, afinou-o, enquanto Seji-Said, com os olhos desmesuradamente abertos, exclamava com íntima convicção :

— Português, dizem que os homens da tua terra são orgulhosos ; não há outros que na minha opinião, tenham mais direito de o ser.

E depois de curta hesitação, o sultão confessou :

— Eu gostaria de pertencer a uma raça em que se contassem tantos e tão extraordinários heróis. O mais humilde português tem direito a ser orgulhoso.

— E assim sucede, meu senhor. Os homens da minha terra são modestos na aparência, mas tão vaidosos todos da terra onde nasceram, que não há mãe querida mais estremecida e venerada por seus filhos, nem filhos que mais honrem sua mãe.

— Tens razão, confirmou Seji-Said.

— Eşcutai :



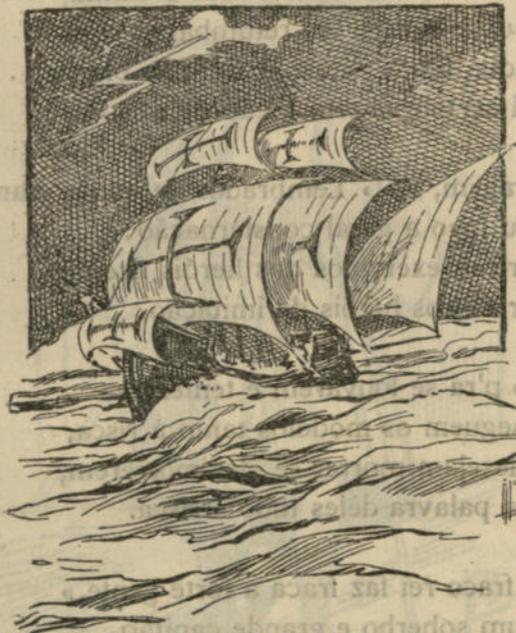
XVI

A braveza domando o oceano
Na distância de mais de três mil léguas,
Vasco tornou patente o grande arcano
Das águas traiçoeiras. E, sem tréguas,

Seguido por um cento de valentes,
De corações ousados e liais,
Porêm em tudo muito inexp'rientes,
Aportou onde quis, nas naus riais.

Mas teve que afrontar imensos p'rigos
E fereza de bárbaras nações.
Venceu, quási sózinho, os inimigos,
Por saber dominar-lhes as paixões.

Evitou baixos, dobrou cabos. Via,
 Ao exp'rimentar terriveis tempestades,
 Que, por sereno e firme, diminuía,
 Em volta dêl' grandes dificuldades.



Ao exp'rimentar terriveis tempestades

Assim, quando os seus homens, com terror,
 No maior da tormenta se mostravam
 Tristes e perturbados, com valor
 As palavras do Gama os alentavam.

No mar de Chaul os navegantes viram
As águas por tal forma se agitarem,
Que muitos moralmente sucumbiram,
Pensando vida e fama ali deixarem,

Por tocarem num baixo. Mas o Gama
Ergueu-se e disse em retumbante voz :
«A Índia, filhos meus, já treme e brama,
«Sinal certo que tem medo de nós.»

«¡ Coragem, vá! » Lembrados de quem eram,
Cessou logo a geral consternação :
Sempre os exemplos dos heróis fizeram
Brotar outros heróis de imitação.

Muito p'ra se louvarem e temerem
Pois seguem os modelos tanto à risca,
Que desejam morrer se êles morrerem,
E uma palavra dêles tudo arrisca.

«Um fraco rei faz fraca a forte gente.»
Mas um soberbo e grande capitão
Tem nos que o seguem uma fôrça ingente,
Pode tornar heróica uma nação.

Uma palavra, um gesto, um riso, um dito,
Lhe basta p'ra arrastar os corações,
A consumir a emprêsa em que pôs fito
Guiando com mão firme as multidões.

Por isso és sempre grande, Portugal.
Em época nenhuma te faltaram
A par da turba, que, só, nada val'
Heróis que, como o Gama, te ilustraram.



Heróis que, como o Gama, te ilustraram.

Nas sciências, nas letras e na guerra,
Em qualquer ramo d'arte, a glória tua
Se espalha altivamente sôbre a terra.
Única sempre como o sol ou lua.

Vibravam ainda no espaço as últimas notas da canção, quando Seji-Said disse:

— É grande e bela a canção dêsse herói português que triunfou em tudo, até da sorte; mas sem que nada o amesquinhe, na minha opinião, das histórias que me tens contado e das que a linda Azé me tem repetido, ainda a que mais me comove e espanta é a daquele justo varão a quem os inimigos, depois de morto, iam pedir justiça. Vê tu, português, o que é a vaidade humana: eu preferia ter sofrido o que êle sofreu e deixar tão estranha fama, a ter sido um herói feliz como o soberbo capitão de quem me contaste os louvores.

João Soares ficou pensativo, e por fim voltou:

— Eu não, senhor. Porque as dores da alma são as mais tristes e piores que existem. Preferia ser um Gama, feliz na vida e grande depois da morte.

Ainda muito tempo o sultão discorreu acêrca dos ilustres varões portuguezes e retirou-se, enfim, suspirando por se sentir tão insignificante ao pé de tão grandes heróis.

Logo que os passos do sultão se perderam ao longe, Rosa ergueu-se precipitadamente e, tomando nas suas a mão encarquilhada do emigrado, perguntou-lhe com efusão desacostumada em pessoa habitualmente tão plácido:

— ¿Será certo, meu senhor, que seja esta a noite derradeira em que nos abriga o telhado de Bet-il-Mtoni?

— Assim o julgo, minha Rosa.

— Eu não posso dormir, senhor. O meu coração palpita de ansiedade, e a imaginação atormenta-me e



— Assim o julgo, minha Rosa.

apavora-me. ; Se formos surpreendidos, senhor, que morte cruel nos espera!

E a formosa núbia estremeceu de horror.

O marido olhou-a complacientemente e respondeu :

— Compreendo a tua ansiedade e partilho-a. Contudo a falta de sono torna mais enfadonho e longo o

tempo que nos separa do feliz momento da partida; além de que quebrantará mais as nossas forças já provadas por tantas e variadas emoções. Vá, minha linda Rosa, tentemos dormir; é o meio que temos para melhor serenar o espírito inquieto.

Rosa, obediente sempre, tentou conciliar o sono e João Soares fez outro tanto; mas o dia seguinte rompeu formoso e deslumbrante sem que nenhum dêles tivesse conseguido cerrar as pálpebras. O terror dos trabalhos que iam empreender afligia-os a ponto de se sentirem arrependidos por terem animado e desenvolvido no espírito da bela *bibi* o desejo da fuga da qual tão sériamente temiam os resultados.

XVII

No dia seguinte, logo pela manhã, Rosa perguntou ao emigrado:

— Não sentes nada, senhor?

— Que hei de eu sentir, Rosa?

— Eu tenho na alma uma grande angústia. Tanto desejei êste dia, e hoje... sinto no coração tão grande desgosto, tão violento receio, que por meu gosto desistia da fuga.

— Recear e temer é próprio da natureza humana: mas proceder como se assim não fôsse é apanágio dos fortes. Tu, Rosa, a quem eu dei um nome

português, tão bonito, não podes atraiçoar-me. Lembra-te de que, se eu não sair daqui, mais dia menos dia, serei morto.

— Tens razão, senhor, concordou Rosa. Por cousa alguma da terra eu faltaria aos meus deveres para contigo. Nunca a tua voz se ergueu para me censurar nem o teu olhar se fixou severamente no meu, como era direito do esposo. A filha da escrava não esquece que a tens tratado como princesa.

— Os homens da minha terra, Rosa, consideram as mulheres suas companheiras e não suas inferiores. Tratando-te como te tenho tratado, não fiz nada de extraordinário nem que mereça agradecimento; teria de modificar a minha natureza e educação para proceder de outro modo.

— ; Que grande alma é a dos portugueses, senhor! Eu não compreendo como quem tenha ouvido as histórias dos seus maiores, não deseje conhecer tal povo e viver entre êle.

O emigrado, sem atentar nas primeiras palavras da mulher, murmurou com paixão:

— ; Portugal! ; meu Portugal! ; É possível que eu te veja ainda antes de morrer? ; Que eu entre de novo no pôrto de Lisboa, que eu contemple a enseada de Cascais, o lindo Tejo, cuja incomparável beleza tanto me encanta e seduz? Parece-me um sonho irrealizável... tremo de o reconhecer.

E, voltando-se para Rosa, continuou:

— Tu, bem que tenhas saudades da tua terra,

Rosa, bem que a sua recordação te persiga constantemente, não podes calcular o que é para um português voltar à pátria.

Ficando um instante pensativa, Rosa respondeu :

— Calculo, meu senhor, que seja o mesmo que lançar na água o peixe que archeja aflito fora dela, sentindo que se lhe vai a vida. ; Engano-me ?

— Não, minha amiga : é exactamente como acabas de dizer.

A conversa prolongou-se entre os dois até às horas da princesa vir dar lição. Então, em vez de se entreterem, como de costume, cantando e exaltando os feitos dos antigos portugueses, as horas passaram-se combinando bem a fuga para que nada falhasse.

Nessa noite, o guarda da porta de Bet-il-Mtoni passeava impaciente no átrio do enorme palácio, olhando de quando em quando para a larga rua que se estendia á sua esquerda. Era a que levava aos jardins da gruta. Parecendo-lhe ouvir ruído, apurou o ouvido. Não havia dúvida. Passos rápidos vinham ao seu encontro. Então, deslizando suavemente até ao pequeno postigo, aberto na grande porta, fêz girar de manso a chave na fechadura. Sem trocar palavra com os recémvindos, afastou-se para os deixar passar e, saíndo após êles, fechou de novo a porta com precauções idênticas, e, sem pressa, a passo regular, os quatro vultos afastaram-se. Seguiram bastante tempo a estrada. Depois, embrenhando-se numa mata espessa, o caminho tornou-se-lhes cada vez mais difícil.

Contudo nem uma observação foi trocada entre êles. O guarda da porta ia sempre adiante e os outros seguiam-no de perto. Por fim, começaram a descer com grandes dificuldades uma empinada ribanceira e che-



... o guarda da porta de Bet-il-Mtoni... (Pag. 100) —

garam à beira-mar. Uma barca tripulada por dez homens os esperava, quási oculta sob a luxuriante vegetação marginal. Assim que receberam os fugitivos, começaram a remar largo, e dentro de poucos minutos depunham a bordo dum magnifico navio de vela,

a princesa Azé e o seu improvisado séquito. O capitão tinha tudo preparado a bordo e, logo que recebeu os passageiros, não pôs menos pressa em partir do que os tripulantes do barco tinham tido em se afastar da margem. Tinham saído a barra, quando um tiro de canhão os fêz estremecer a todos.

— ; Era tempo! exclamou o capitão.

E, voltando-se para a princesa Azé, que, de pé, no tombadilho, via desaparecer para sempre aos seus olhos a terra natal, perguntou:

— ; Sabe Vossa Alteza o que êste tiro significa?

— Não, não sei.

— Deram pela sua falta. Êste tiro é ordem para que nenhum navio saia do pôrto.

— ; Então nós?... perguntou assustada a princesa, sem se atrever a concluir a frase.

— Estamos fora do seu alcance. Ainda mesmo que tentem perseguir-nos, não nos apanharão.

A princesa deixou-se cair, chorando, sôbre um tôsco banco de madeira, e Rosa, lançando-se-lhe aos pés, rompeu também em impetuoso pranto.

Admirado o português perguntou-lhes:

— ; Porque choram? ; Não vieram por sua livre vontade?

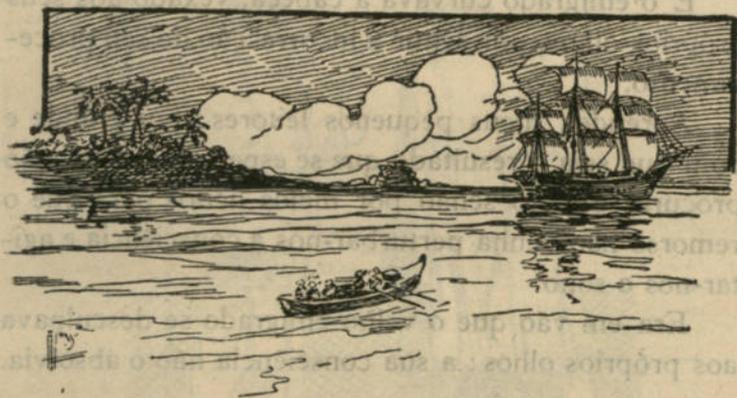
— Viemos, mestre, disse Azé, e também um pouco no desejo de te salvar a vida. ; Mas sabes porque choro?

— ; Porquê, senhora?

— Tenho o pressentimento de que deixei para sempre a felicidade em casa de meu pai.

Pensativo, o português respondeu:

— E' possível, senhora. Deus pune a desobediência e vós faltastes aos deveres que tínheis para com vosso pai... Talvez fôsse melhor voltar e pedir-lhe perdão.



... a bordo dum magnífico navio de vela (Pag. 101)

— Agora é tarde, disse desconsolada a princesa. Seji-Said não perdôa faltas desta natureza; pune-as com a morte.

— Nesse caso, senhora, não há remédio senão aceitar o destino.

E o emigrado, mal contente por ter feito com que a princesa desobedecesse a seu pai, murmurou consigo:

— Pois sim, mas eu não me havia de deixar ma-

tar... Cada um defende-se como pode. Não fui eu que me fui lá meter. Eles é que violentamente me prenderam e me levaram à fôrça...

— E' certo, concordava a consciência, mas tratavam-te bem, eram teus amigos, talvez não tivessem ânimo para executar a sentença a que te condenaram. Tu não andaste bem.

E o emigrado curvava a cabeça, vexado aos seus próprios olhos, por sentir a incorrecção do seu procedimento.

Aprendeí, meus pequenos leitores: por grande e bom que seja o resultado que se espere, é preciso não procurar obtê-lo senão por meios lícitos para que o remorso não venha perturbar-nos a consciência e agitar-nos o sono.

Era em vão que o velho emigrado se desculpava aos próprios olhos: a sua consciência não o absolvía.

XVII

Seji-Said sonhara que era Vasco da Gama e que tinha sido êle quem descobrira o caminho marítimo para a Índia, quando o chefe dos eunucos, que a tôda a hora tinha entrada livre nos seus aposentos, lhe veio interromper o sono.

— ¿ Que queres? perguntou êle mal humorado.

— Senhor, passa-se qualquer cousa de muito grave no harém.

— O que é?

— O guarda da porta, que há tantos anos distinguís honrando-o com a vossa estima e confiança, desapareceu deixando a porta fechada. Foi preciso



— Deram pela sua falta. (Pag. 102)

arrombá-la para dar entrada aos fornecedores. Mandei-o procurar nos mais escusos cantos de Bet-il-Mtoni e não se encontrou. As aias de vossa filha também vieram dizer-me que a princesa Azé desapareceu, e o chefe dos guardas relaciona a sua fuga com a do porteiro.

— ¿ E o português? ¿ o emigrado?

— Não sei, senhor, nem mesmo me lembrou.

— Pois vai depressa ver e vem dizer-mo. Entretanto diz a Safr que me chegue o fato.

Momentos depois, o sultão, desprezando todos os cuidados que lhe poderiam levar tempo, estava vestido, e de pé, olhando ansiosamente para a porta. Mal



... não deixem sair nenhum navio...

a ela assomou o chefe dos eunucos, perguntou-lhe simplesmente:

— ¿ Também não está?

— Nem êle, nem Salmé.

— Já compreendo. Corre depressa ao pôrto e dá ordem para que não deixem sair nenhum navio.

— Obedeço, senhor.

E o chefe dos eunucos safu correndo.

Então, Seji-Said deixou-se cair molemente sôbre o seu magnífico divã e, acendendo pelas suas próprias

mãos o cachimbo, visto ter rejeitado tôda a companhia, monologou :

— ¿ Para que acedi eu aos rogos de Azé ? ¿ Para que, cego de vaidade, lhe quis mostrar que ao meu poder tudo era fácil sôbre a terra ? ¿ Para que transgredi os preceitos do Alcorão ? ¿ Para que confiei tão cegamente no portuguez, que eu não conhecia, mas cujas histórias me apraziam e deleitavam ? ¿ Para que me fiei do cristão ? ¿ Não dizia êle que, na sua terra, se cita como provérbio : *cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso* ? ¿ Porque me não conformei com os usos da minha nação, e fui aprender na história de outra a desprezar a minha ? Castigou-me Alá, no mais sensível da minha alma, dos erros que a minha enorme vaidade me fêz cometer. Não mais transgredirei os preceitos da lei.

mãos o cachimbo, visto ter rejeitado toda a compa-
 nhia monológica;
 — Para que accedi eu aos raios de Azé? Para
 que, cego de verdade, lhe quis mostrar que não me-
 poder tudo era fácil saber a terra? Para que trans-
 gredir os preceitos de Alcorão? Para que conhei tão
 certamente no português, que eu não conhecia, mas
 cujas histórias me apaxiam e delectavam? Para que
 me fôr do cristão? Não disse ele que, na sua terra,
 se cita como provérbio: cada terra com seu uso, cada
 local com seu uso? Porque me não conformei com
 os usos da minha nação, e fui aprender na história de
 outra a desprezar a minha? Castigou-me Alá, no mais
 sensível da minha alma, dos erros que a minha con-
 sciência me fôr cometer. Não mais transgredirei os
 preceitos da lei.



XVIII

A viagem do emigrado e das suas companheiras foi muito feliz. Desembarcaram numa bela manhã de agosto, no cais das Colunas, no Terreiro do Paço, e a bela *bibi* ficou encantada com a imponência da praça. Pouco tempo depois de estarem na capital, casaram, segundo os nossos usos : Azé, com o capitão do navio, e Rosa, com o velho emigrado. Tiveram muitos filhos aos quais contam as histórias do oriente. Nisso se entreteem ao serão.

Um dia, o emigrado e o capitão tinham ido com suas mulheres e filhos dar um longo passeio ao Campo Grande. Enquanto as crianças brincavam, Azé, que se crismara e se chamava Branca, estava silenciosa e triste.

— ; Que tens, Branca ? perguntou-lhe Rosa, que passara a ser para a princesa uma irmã.

— Penso no passado, Salmé, respondeu-lhe a bela *bibi*, dando-lhe involuntariamente o nome que ela tinha na sua mocidade ; penso no harém de Bet-il-Mtoni, onde fui tão feliz e que nunca mais hei-de ver. ; Quando nós temos tôdas as comodidades, riquezas e distinções, não as apreciamos nem lhes damos valor ; mas, é triste, um bem que se perde avalia-se logo justamente !

— Tens razão, volveu-lhe Rosa. A mim, o que mais me tem custado é ter de trabalhar. Quando eu era a tua escrava, bela *bibi*, habituaste-me, na tua bondade, à mais completa ociosidade, ociosidade que me não pesava, porque era empregada em te divertir divertindo-me.

— ; Que bom tempo ! tornou a princesa com os olhos lacrimosos. ; Não sabíamos o valor do dinheiro, víamos realizar, como por encanto, os nossos menores desejos ! ; Ah, Salmé ! ; Porque não casei eu com um árabe como meu pai ?

— ; Não és feliz com o capitão ?

— Sou, mas sou para êle uma simples mulher. A princesa acabou para os outros e, infelizmente, não morreu para mim.

— ; Como eu sinto a verdade das tuas dores, *bibi* ! ; Como elas me pungem a alma ! ; Ah ! ; Nós não nascemos para ser felizes !

— Por culpa nossa, volveu-lhe prontamente Azé.

Tu quiseste o rio na mão, eu sonhei desposar o rei dum país de heróis, e tornei-me simplesmente mulher dum pobre capitão da marinha mercante. ; Ah ! ; se os novos soubessem!

— Não teríamos feito a tolice que fizemos.

— ; Se os velhos pudessem ! continuou a princesa.

— Emendariam quanto não tem remédio.

— Agora, Rosa, ou antes Salmé, sabes os motivos das minhas involuntárias tristezas. Quando estivermos sós, esqueçamo-nos do presente, volvamo-nos no pensamento ao passado, e revivamos por instantes no nosso paraíso para sempre perdido. ; Queres ?

— ; Se quero ! ; Que saudade eu tenho de Zanzibar!

Os maridos, enquanto as suas mulheres trocavam entre si estas confidências, passeavam dum lado ao outro do campo, e o emigrado dizia ao capitão:

— E' o que te digo, Jorge: não posso ver-me casado com uma preta, apesar de velho. É inquestionável que a minha companheira foi e é uma formosa mulher; mas uma mulher preta, na cidade, não faz melhor vista do que filhos mestiços. . . Estou sinceramente arrependido de me ter evadido de Zanzibar. É possível que o sultão modificasse a sentença, atendendo à estima com que me tratava. ; E eu era ali tão feliz, sem ter de me preocupar com necessidade alguma material da vida!

— Pois, meu rico, de todos nós o menos para lamentar és tu: estavas morto e enterrado a estas horas,

para que minha mulher deslumbrasse os crentes do Islão com o inaudito milagre do Profeta.



— É o que te digo, Jorge... (Pag. 111)

—; Então tu também te achas digno de dó?

—; Se te parece que não tenho razão! Minha mulher é uma criatura delicada. Não gosta de fazer trabalho algum. Não se queixa, mas sente-se infeliz por já não ser rica nem princesa. A vaidade de ser casado

com uma filha de sultão não basta para me consolar dos desarranjos que tão gastadora e inconsciente criatura a todo o momento me causa.

— ¡ Afinal nenhum de nós é feliz!

— Perdão, nenhum é verdadeiramente infeliz, visto que nos resignamos a aceitar a vida como ela é.

— Procedemos levemente todos nós; mas, se a experiência nos não serve, devemos aproveitá-la para os nossos filhos, não os deixando nunca proceder sob a impressão do primeiro impulso que sempre nos guiou tão mal.



Mas, como era um homem forte... (Pag. 114)

E, terminando estas palavras, foram sentar-se junto de suas mulheres, generalizando-se a conversa.

Era o emigrado que falava; mas, em vez de contar as histórias belas de heróicos portugueses, contava ao capitão a sua vida nómada, desde o desterro até ao rapto que o levara a Bet-il-Mtoni. Chegando a êsse ponto, nem Branca nem Rosa podiam ficar caladas. De olhos animados, riso nos lábios, evocavam tão felizmente o passado, que as crianças, abandonando os jogos, sentaram-se no chão escutando atentamente.

Então o capitão sorriu, pensando:

— O mais infeliz de todos sou eu, porque tenho um mau presente e não me resta um feliz passado para recordar.

Mas, como era um homem forte e corajoso, procedeu sempre bem e todos, pelo seu bom senso, tinham a impressão de que êle era feliz. Seria, se não tivesse querido casar com uma princesa.

A moral desta história é que, quem procede contra os preceitos adoptados pela sua família e contra os usos da sua raça, seja qual ela fôr, se arrepende sempre e, julgando poder prescindir dêles, chora intimamente na sua alma o *paraíso perdido para sempre*, como sucedia à ex-princesa Azé.



FLOR DE NESPEREIRA

Nerina Ponciana era uma menina muito bem comportada na escola, mas de que as condiscípulas não gostavam por ter um génio muito pouco expansivo e ser pouco dada a conversas. Seu pai possuía uma casita abarracada, logo à entrada da povoação de Luso, pequena aldeia situada na proximidade do Bussaco, onde, no verão, muita gente, de vários pontos do país, se vai hospedar. Ha ali bela água nas fontes do Castanheiro e de S. João, bonitas vistas, ar puro, e a mata do Bussaco com as suas magníficas árvores e luxuriante vegetação.

O pai de Nerina, quando herdou de sua mãe a casinha da beira da estrada, começou a pensar que proveito podia tirar dela. A mulher, filha dum abastado vinhateiro, lembrou-lhe:

— Põe uma venda de vinho, homem. O meu pai ha de o dar mais em conta para nós do que para os outros.

— Não dizes mal, Custódia. Vai consultar com êle, a modos de quem pede conselho.

Partiu a Custódia para casa do pai, que ficava a duas léguas dali, e voltou no dia imediato, muito contente com o resultado da visita. O João do Penedo não só fornecia o vinho, mas não queria que lho pagassem. Dissera à filha :

— Eu não tenho mais herdeiros. O que possuo é, por minha morte, para tua mãe e para ti. Dar-te por ano umas pipas de vinho não me faz mingua, e a vocês faz-lhes arranjo. Além disso mandarei de aqui tudo que sobre e se oferecer de geito para o negócio.

Entrando em casa, a Custódia abraçou-se chorando ao marido e à filha, dizendo :

— Agora sim! é que tenho um pai a valer!

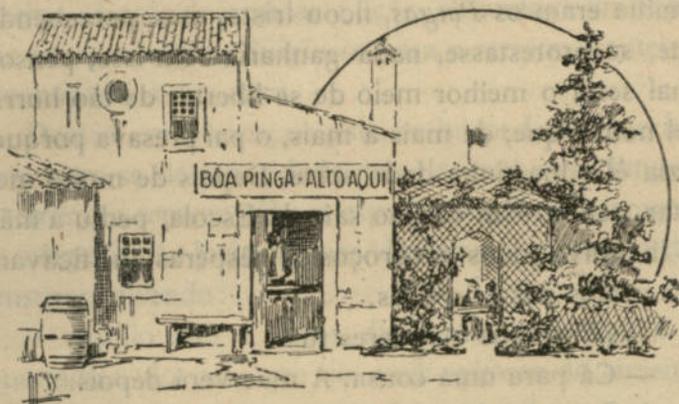
Contando a conversa, transmitiu a sua alegria ao Manoel de Oliveira e à filha.

Em poucos dias, a casa teve obras, foi guarnecida de mesas e bancos de pinho, teve pipas vistosamente pintadas por detrás do balcão colorido de verde, e as paredes e o exterior foi tudo caiado de branco.

Em volta da casa talharam-se e floriram canteiros, improvisou-se com canas e trepadeiras um magnífico caramanchel, e sôbre a porta do estabelecimento fêz escrever o Manoel êste dístico, que foi muito discutido antes de ser aprovado em conselho de família, expressamente reunido para a decisão de tão grave assunto: *Boa pinga. Alto aqui!*

De facto, carroças, carros, diligências, tudo e todos, que por ali passavam, obedeciam sem custo à intimação da taboleta.

A Custódia cozinhava tão bem e com tanto aceio, e o Manoel tinha tão bom modo para todos os fregueses que, dentro em pouco, o seu estabelecimento, já montado em tão propícias condições, desenvolveu-se a pouco e pouco e passou a tomar foros de hotel. A Custódia deixou de cozinhar e passou a ter



A casa do Manoel de Oliveira

criadas, e o Manoel, em vez de servir, vestia fato preto de pano fino, camisa brunida, e dava ordens aos criados que, sob a sua vigilância, eram os melhores do mundo.

Com a prosperidade aumentou-lhe também o nome. Devido ao distico da taboleta começaram a tratá-lo pelo *Pinga*, de forma que, quando êle aumentou a casa para o lado e a subiu de dois andares de altura, mandou pintar na taboleta, obra prima

dum fornecedor coimbrão: *Optimo Hotel*: proprietário Manoel de Oliveira e Pinga.

Aqui teem os meus leitores como Nerina Ponciana passou a ser tratada por tôdas as suas companheiras pela *Pinga*, alcunha de que ela não gostava. Como já disse, esta menina falava pouco, mas era inteligente, estudiosa e reflectida. Quando viu que todos na família eram os *Pingas*, ficou triste, mas, percebendo que, se protestasse, nada ganharia com isso, pensou qual seria o melhor meio de se libertar de tão horrível nome, que, de mais a mais, o pai presava porque, dizia êle, lhe tinha dado sorte. Depois de muito meditar, achou. Um dia, ao sair da Escola, pediu à mãe se lhe dava todos os caroços de nêsperas que ficavam nos pratos dos hóspedes.

— ¿Para que os queres tu?

— Cá para uma cousa. A mãe verá depois.

A Custódia deu ordem aos criados para que guardassem os caroços e os dessem à filha.

Em frente da casa havia um terreno baldio que teria, pelo menos, uns sessenta metros de largura no sítio mais largo, mas vinha estreitando até acabar num aproximadamente. Era uma língua de terreno que a estrada rodeava num dos seus caprichos torcicolos e que a incúria dos municípios deixara inculto.

Nerina levantou-se cedo no dia seguinte, e, tomando uma enxada, foi para defronte de casa, arrancou a erva e começou de cavar o terreno pelo lado mais estreito. Eram quási oito horas da manhã e

ainda ela andava entretida no seu trabalho. A mãe veio chamá-la para ir para a escola e ficou pasmada vendo o grande pedaço de terreno que ela cavara.

— ¿ Para que é isto, filha ?

— Quero fazer uma sementeira para me divertir.

A mãe, julgando que se tratava duma brincadeira de criança, não deu maior atenção. Á tarde, quando Nerina, depois de estudar a lição, costumava vir brincar para o jardim, dirigiu-se para o terreno fronteiro e continuou a sua obra.

Dentro em pouco, os pais, os hóspedes e os criados, riam-se da tenacidade que ela punha em limpar o terreno e semear nêle, a espaços regulares, caroços de nêspêra. As más linguas da terra começaram de censurar, dizendo :

— Aquilo não é cousa da pequena : é mas é o espertalhão do pai, que se quer apossar do terreno fronteiro sem o pagar.

— Dizes bem. Olha que não é senão isso.

Chegou o tempo das plantas aparecerem à flor da terra e começaram a desenvolver-se a olhos vistos ; o tempo invernosoz fazia de quando em quando estragos no caniçado, e Nerina, com inexgotável paciência, compunha e recompunha os desarranjos.

Passaram-se anos e chegou o mês de abril. As nêspereiras, já crescidinhas, deram flor peia primeira vez. Tôda a aldeia se havia habituado a chamar ao antigo baldio o horto de Nerina, e já ninguém fazia reparo nêle. Nerina, quando viu as nêspereiras carre-

gadas de flores brancas, ligeiramente rosadas, apanhou a mais formosa de tôdas e levou-a para a escola pedindo à mestra de bordados e flores que lhe ensinasse a fazer flores de nespereira. A mestra fêz um rol de tudo que para isso era necessário, e, no dia seguinte, o estafeta, que fazia carreiras diárias entre Luso e Coimbra, trouxe da cidade os ambicionados preparos para confeccionar as lindas flores.

Nerina aprendeu a fazê-las rápidamente. E todos os dias, quando voltava do colégio, depunha numa das gavetas da cómoda que tinha no seu quarto, as flores que trazia num cabazinho. A mãe dizia-lhe com curiosidade:

— ¿ Para que quererás tu tanta flor de papel ?

— Hade ver, mãe, hade ver.

E viu. Quando os frutos estavam todos bem maduros, Nerina pediu ao pai para que a deixasse organizar uma festa. Manoel, que nunca recusava nada á filha, disse-lhe que sim. Então mandou fazer uma saia e um corpete verde claro, da côr esbranquiçada que as fôlhas de nêspere teem pelo avêssô, um avental côr de rosa pálida, que guarneceu com fôlhas de nespereira a valer, fêz punhos e cabeção também de fôlhas e penteou-se com fôlhas de nespereira e flores das que fizera na escola, metidas nas tranças pretas caídas ao longo das espáduas; vestiu assim também três rapariguinhas das mais pobres do logar e arranjou um bailarico de crianças pobres que regalou no fim com pão, nêspereiras e vinho da herdade do seu

avô. O pai, querendo associar-se à festa, forneceu arroz doce e bolos. E era de ver o gôsto com que todos dansavam, comiam e cantavam. Esquecidos da sua maledicência, algumas más línguas aproximaram-se de Nerina e disseram-lhe:

— O' menina, ¿então tu dás e não comes?

Naturalmente, a pequena respondeu-lhes:

— Eu semeiei estas nêsperas para os pobres; se o terreno não havia de dar nada... assim tem um fim caridoso. Eu só aproveitarei para mim as fôlhas que caem das árvores: gosto de me enfeitar com elas e com as suas flores.

— Flor pareces tu.

E afastaram-se.

A pouca distância do bailarico das crianças, a gente grande também começou de bailar e o Manoel, posto em maré de generosidade pelo sucesso da filha, mandou abrir uma pipa de vinho e servir à larga pastéis de bacalhau e peixe.

Quando a festa terminou, o Miguel uma das línguas mais depravadas da terra, aproximou-se de Nerina e disse-lhe:

— Cada vez me sinto pior; bulhei com o meu cunhado e tenho de sair de casa. ¿Se pedisse ao seu paizinho para me deixar ficar no palheiro?

Nerina olhou-o com piedade e, voltando-se para o pai, disse-lhe:

— ¡O' meu pai!

— ¿Que é?

— Do dinheiro que é meu, posso fazer o que quiser?



— O' meu pai! (Pag. 121)

— Certamente,

— Então tomo o Miguel para meu criado. Vou mandar-lhe construir uma boa barraca de madeira ao fim do *Horto dos Pobres* e encarregá-lo de fazer ali, e

noutros pequenos baldios que cercam a povoação sementeiras de proveito para os pobres do lugar.

A ideia foi muito aplaudida. Todos os anos, daí em diante, teve lugar a festa de Nerina, que todos estimavam e a quem já ninguêem chamava a *Punga*, mas a *flor da nespereira* e a *flor branca*. Miguel teve a barraca ao fim do horto, e um ordenado. Contento com a sua vida, elogiava em tôda a parte a sua pequena patroa e plantava, ajudado pelos pobres da aldeia, nas horas de lazer, outros hortos de que outros pobres se constituíram guardas: e assim o povo daquela localidade, aproveitando os baldios que o municipio lhe não recusou, tem fruta sua e muito boa, à repartição da qual preside sempre Nerina, muito festejada e querida por ter tido tão excelente idea.

No dia em que ela fêz 19 anos, o filho do tendeiro que lhe construira a cancela para o primeiro horto, entrou em casa dela e, com modo mais embaraçado que de costume, disse-lhe:

— Já pensou, vizinha, que daqui a pouco não poderá dar um ordenado a todos os guardas dos outros hortos, se eles continuam assim a multiplicar-se?

— Já pensei nisso, visinho, e achei o remédio.

— Como?

— Vá amanhã assistir à reunião dos meus guardas e dos velhos do lugar às tres horas, junto da fonte de S. João e verá.

O Victorino não faltou.

Nerina fêz-lhes ver a necessidade de criar um capital para pagar as despesas e convenceu-os a fazerem uma grande plantação de eucaliptos nuns terrenos pantanosos dos quais geralmente todos fugiam. Ela deu generosamente as árvores e os pobres deram o trabalho. Esta mata foi destinada desde o seu princípio a suprir, logo que atingisse o preciso desenvolvimento, as despesas necessárias dos hortos. Excedeu em muito a expectativa dos plantadores. Nerina, administradora dos bens dos pobres, escrupulosa e conscienciosa, estudava todos os modos de lhe valorisar os capitais e, dentro em pouco, naquela formosa aldeia e nas suas proximidades, os pobres deixaram de o ser e disfrutavam um bem estar e uma abundância que em raras partes existe.

O Victorino, cada vez mais admirador dos raros dotes de coração de Nerina, pediu-a em casamento, aos pais, o que êles muito estimaram por ser um rapaz bem comportado e também rico. O casamento, segundo condição imposta pelo pai de Nerina, realizou-se no fim de dois meses. O tempo preciso para tratar do enxoval da noiva.

Ela convidou para a festa todos os pobres do lugar e marcou o dia 15 de abril para o seu casamento para se enfeitar com flores de nespereira naturais.

Na aldeia houve um grande regosijo. Enfeitaram todo o caminho para a igreja e encomendaram para o Porto um fogo de artifício que deslumbrou tôda a gente da aldeia.

Miguel andou a falar com todos os pobres e resolveram de comum acôrdo que, naquele ano, ninguém comeria uma nêspera do horto.

E assim foi.

Quando Nerina saiu para a igreja, encontrou tôdas as raparigas do lugar vestidas de verde desmaiado e enfeitadas com flores de nespereira. Logo que avistaram ao cimo da escada começaram a cantar, a dar-lhe vivas e a cobri-la de flores à medida que passava por elas.

Alguêm, que chegou a Luzo naquele dia, vendo a povoação em ar de festa e tôda engalanada, perguntou:

— O que ha por cá?

— Casou-se a *Flor da nespereira*.

— A filha do *Pinga*?

— *Pinga* é êle. A pequena é a moça mais perfeita da aldeia, e, quando se fala na *flor*, todos sabem quem é.

Ao assinar no livro, Nerina soltou um suspiro. E' que ali, mau grado seu, teve de escrever Nerina Ponciana de Oliveira e Pinga; mas foi a última vez que teve essa funda contrariedade. Nunca mais, até hoje, teve de escrever oficialmente o seu nome. Era para todos a *flor da nespereira*, ou a *flor branca*, mas com o geito que tôda a gente tem para abreviar o que diz, acabaram por lhe chamar simplesmente a *Flor*.

Hoje, tem muitos filhos, mais faladores do que a mãe, e que ouvem com grande vaidade contar aos

velhos da aldeia como a sua mãe deixou de ser al-
cunhada *Pinga* para ser conhecida pela *Flor*. No úl-
timo bailarico que se realizou em Luzo, os pequenos



O criado Miguel

que são já seis, quiseram também dançar, e o criado Miguel, já muito velho, mas ainda desempenado e folgazão, cantou-lhes esta quadra:

Ser filho de bela flor
E' ser uma flor também:
Quanto mais perfeito for
Mais se parece co'a mãe.

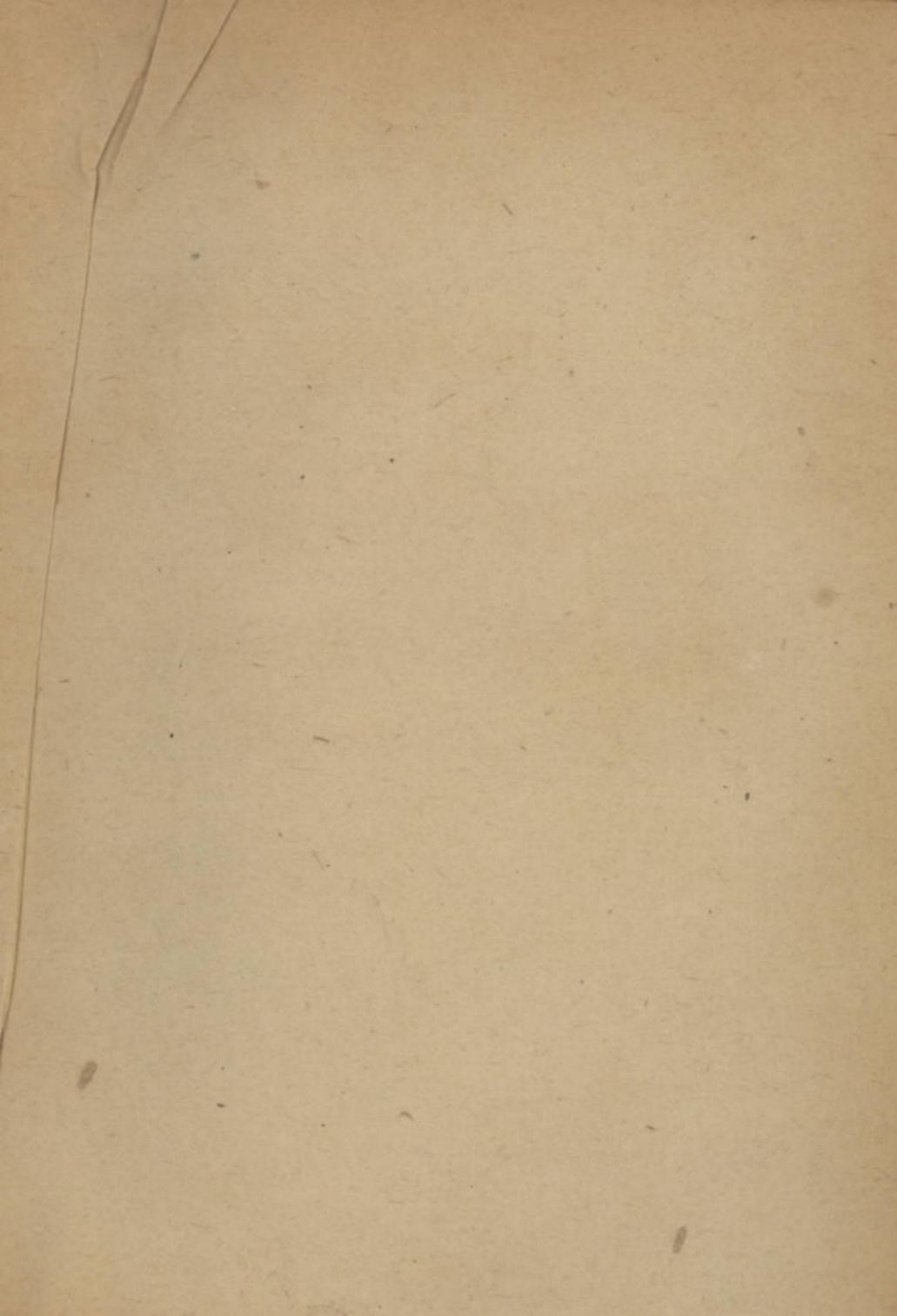
Os velhos pais de Nerina tinham lágrimas nos olhos, e ela, fazendo saltar nos braços o filho mais pequenino, pensava como é fácil agradar a todos servindo o próprio interêsse, quando se não é egoísta..

FIM



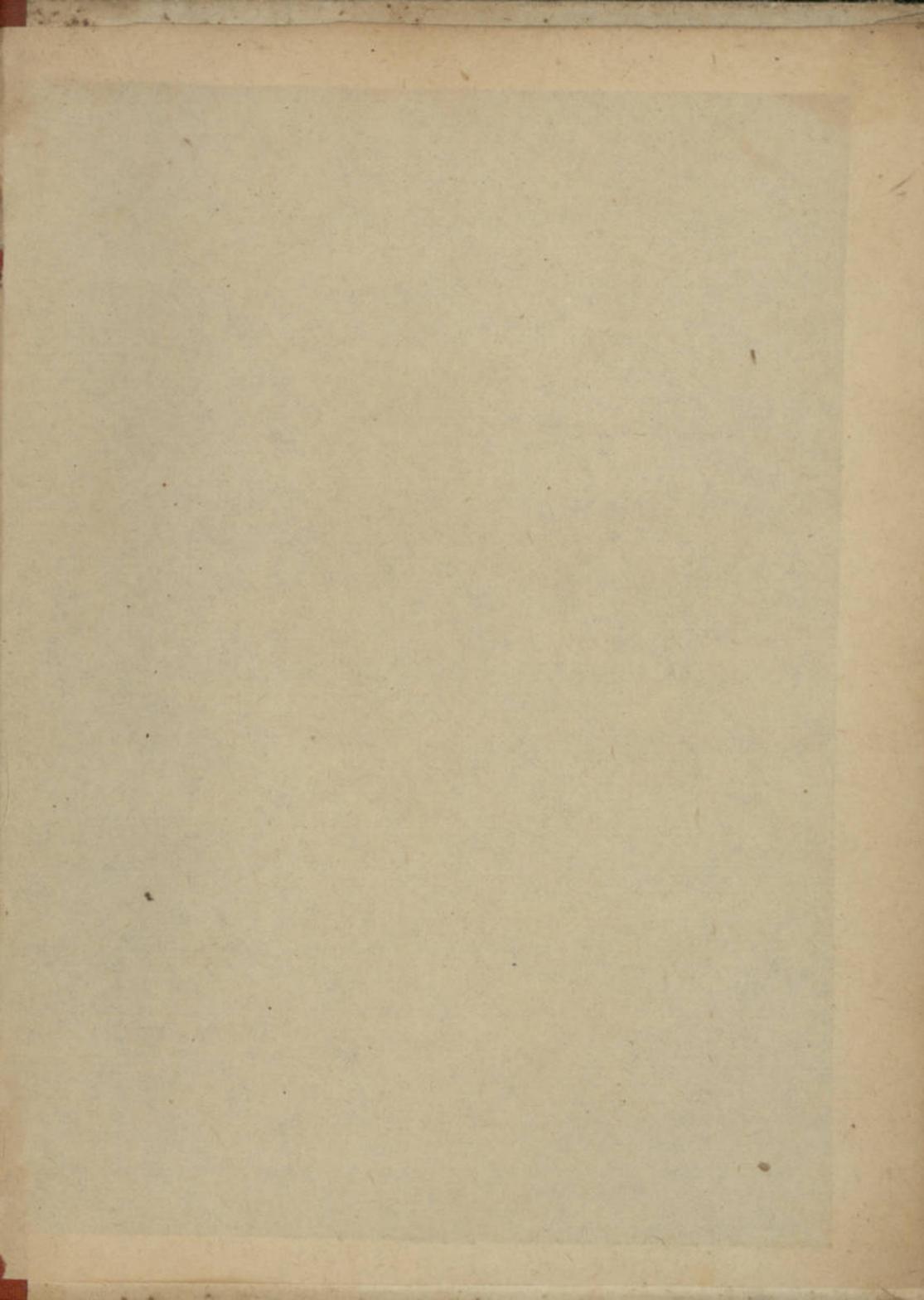
ÍNDICE

	PAG.
I — A bela bibi	5.
II — Albuquerque, o Grande.....	18
IV — A história de Rosa.....	24
V — O rei da farça	34
VII — Um rio na mão	41
IX — D. João de Castro.....	52
XI — O brilhante verde	58
XIII — Luís de Camões.....	68
XIV — A vida das formigas.....	75
XVI — Vasco da Gama.....	92
XVIII — Epitogo	109
Flor de nespereira	115



INDEX

Faint, illegible text, likely a table of contents or index entries, including what appears to be a list of names and dates.





E

30